

AC

ACE

CNF

73454/90

1

00958104 OUT 1989

CONFIDENCIAL

1/9

142

40º CONGRESSO DA UNIAO NACIONAL DOS ESTUDANTES

(UNE).

1. O clima de apatia que vem caracterizando o Movimento Estudantil (ME) nos últimos anos agravou-se no primeiro semestre de 1989, em consequência da prolongada greve de docentes e funcionários das universidades federais. Nem o engajamento da União Nacional dos Estudantes (UNE), juntamente com o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES - Sindicato Nacional) e a Federação das Associações dos Servidores das Universidades Brasileiras (FASUBRA), na campanha "SOS Universidade", conseguiu empolgar a maioria dos estudantes, preocupada com os prejuízos futuros de uma prolongada paralisação.

A própria campanha visando às próximas eleições presidenciais não aglutinou adeptos em torno de um nome de consenso, apesar da adesão do Partido Comunista do Brasil (PC do B) à "Frente Brasil Popular", que impulsiona a campanha de LUIS INACIO LULA DA SILVA.

As lideranças estudantis vinculadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao PC do B, rivais no ME, mostravam-se relutantes em aceitar tal coligação. O voto universitário de caráter ideológico é receptivo, também, às candidaturas do comunista ROBERTO FREIRE, de MÁRIO COVAS e de LEONEL BRIZOLA.

As ações mais ousadas das lideranças estudantis ocorreram em protesto aos aumentos, por vezes abusivos, das mensalidades escolares, permitidos a partir da Portaria nº 140 do Ministério da Fazenda, que estabeleceu a liberdade vigiada para o reajuste dos preços cobrados pelas escolas particulares.

É neste quadro conjuntural pouco favorável que a UNE realizou na Universidade de Brasília (UnB), no período de 21 a 24 Set 89, seu 40º Congresso, na esperança de injetar novo ânimo ao ME.

2. A **solenidade de abertura**, iniciada às 21:30 horas do dia 21 Set 89, reuniu cerca de 1.000 pessoas, na sua 21: SIM - B99 - C99 - R5E.

CONFIDENCIAL

SIM/TC., emd. 10 10 / 198 9
A BIC., 11 10 / 198 7
G2S/SEC/EXEC

maioria integrantes das tendências que atuam no PT, PC do B e Partido da Libertação Proletária (PLP).

A mesa diretora dos trabalhos (Z7: "A") foi composta por representantes de entidades das áreas educacional, sindical e indígena, da classe política, de organizações comunistas e da Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

Com exceção de FAUZI MUSTAFA EL MASHINI, da OLP, e de CHICO GUARANI, da União das Nações Indígenas, que se referiram apenas à luta de seus povos, os demais oradores ressaltaram, basicamente, a necessidade de uma aliança entre estudante e operário, como forma de fortalecer a "Frente Brasil Popular" e a candidatura de LULA à Presidência da República.

Em geral, as faixas exibidas na ocasião exaltaram o nome da organização comunista e do candidato LULA (Z7: "B").

No decorrer da abertura, já era evidente o clima de antagonismo entre militantes e simpatizantes das tendências predominantes no Congresso, que trocavam insultos e acusavam-se mutuamente pela apatia e pela crise por que passa o ME.

3. A partir das 08:00 hs de 22 Set 89 teve início o **credenciamento** dos aproximadamente 2.000 delegados e a discussão das diversas teses a serem apresentadas no evento.

Paralelamente, ocorreram **encontros de estudantes por área**, onde foram debatidos os principais problemas que afetam os diferentes cursos, tais como currículo e mercado de trabalho.

As diversas organizações comunistas também promoveram reuniões e palestras paralelas, com destaque para os radicais PLP e Aliança da Juventude Revolucionária (AJR), organização de frente da Organização Quarta Internacional (OQI) que atua ao abrigo do PT (Z7: "C").

O PT realizou várias plenárias, onde foram discutidos, entre outros, os seguintes tópicos:

- a situação de crise política, econômica e social do Governo SARNEY, que leva à instabilidade do regime;

- a necessidade de incrementar a organização do PT nas Universidades;
- consolidação de uma alternativa de construir um País socialista;
- a garantia de unidade do PT através da unificação das várias teses;
- a solidariedade aos estudantes da CHINA, NICARAGUA e HONDURAS;
- a elaboração de um plano de lutas que inclua a estatização das escolas particulares;
- o aprofundamento e a radicalização durante as mobilizações para conseguir novas vitórias;
- a adoção do critério da proporcionalidade segundo as forças presentes no Congresso, para se obter a unidade do ME; e
- resgate da representatividade e legitimidade da UNE.

4. No decorrer do evento foram analisadas as teses das diferentes organizações que propunham formas de participação do ME na busca de soluções para a crise da Universidade e do próprio País, cuja síntese consta do Z7: "D". São elas:

- "Como Te Quero UNE" - assumida por alunos da UnB;
- "A UNE Pra que? A UNE é Pra Lutar" - veiculada pela Convergência Socialista (CS);
- "Construir a UNE na Luta Anticapitalista" - defendida pelo FLP;
- "Por uma Alternativa Estudantil Revolucionária" - da AJR;
- "Alternativa de Luta Democrática e Socialista" - elaborada pela Tendência Partidária Democracia Socialista (TP/DS);
- "UNE Por um Tris" - apresentada pela Corrente Articulação do PT;
- "A UNE é Pra Lutar" - da Tendência Revolução, integrada por militantes da Corrente O Trabalho Pela Reconstrução da Quarta Internacional (OT/QI);

- "O Tempo não Pára" - da Tendência Caminhando, integrada por militantes do Partido Revolucionário Comunista (PRC), organização que se auto extinguiu em 06 Ago 89;

- "Resgatar a Tradição do Movimento Estudantil como Parte Integrante do Movimento de Massa no País" - defendida pelo Partido Operário Revolucionário Trotskista-Posadista (PORT-P);

- "Paz, Democracia e Socialismo" - veiculada pela União da Juventude Comunista (UJC), organização de frente do Partido Comunista Brasileiro (PCB);

- "Por um Plano de Lutas para a UNE" - da Tendência Força Socialista, constituída por militantes do Movimento Comunista Revolucionário (MCR); e

- "Reconstrução da UNE" - da Tendência Viração, do PC do B.

5. O assunto que mais agitou os congressistas foi o debate em torno da eleição para a nova Diretoria.

Inicialmente, as discussões concentraram-se em torno da forma de composição da Diretoria, se majoritária ou proporcional.

A eleição majoritária era defendida por uma das correntes mais radicais atuantes no PT, a AJR, além do PLP e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), os quais visualizando que as correntes petistas e mais essas duas últimas forças tinham condições de deter o poder na entidade, recusavam qualquer tipo de composição com a Corrente Viração (PC do B). Seu principal argumento era de que tal aliança fora idealizada pela cúpula, contrariando a vontade das bases do movimento, e visava a dar respaldo à "Frente Brasil Popular" e à candidatura de LULA.

Os adeptos da proporcionalidade - CS, TP/DS, e as Tendências Viração, Caminhando, Revolução, Força Socialista e UJC -, argumentavam que a revitalização do ME dependia de uma ampla aliança das várias correntes com representatividade junto aos estudantes, única forma de conduzir as lutas comuns por profundas reformas que extrapolam o âmbito da universidade.

Colocada em votação, a tese da proporcionalidade obteve maioria.

Sete chapas foram inscritas para concorrer à eleição, a saber:

- Chapa 1: "SOS Universidade", integrada por militantes da CS, da TP/DS e da Tendência Caminhando;
- Chapa 2: "Pão e Circo", composta por anarquistas;
- Chapa 3: "UNE Anticapitalista", formada por militantes do PLP;
- Chapa 4: "Alternativa Revolucionária", integrada por militantes da AJR e OQI;
- Chapa 5: "A UNE é Pra Lutar", composta por militantes da Tendência Revolução e Independentes;
- Chapa 6: "Reconstruir a UNE", integrada por militantes da Viração e da UJC;
- Chapa 7: "UNE por um Tris", constituída por militantes da Corrente Articulação.

Após a apresentação, a Chapa nº 3 retirou sua candidatura em favor da "SOS Universidade", tendo em seguida denunciado os conchavos realizados pela CS, TP/DS e a Caminhando para afastar as correntes minoritárias presentes, bem como por defender a proporcionalidade apenas para as duas forças mais votadas no Congresso.

Ao final da apuração, foram obtidos os seguintes resultados: "SOS Universidade" - 821 votos; "Reconstruir a UNE" - 795 votos; "Alternativa Revolucionária" - 56 votos; "UNE Por um Tris" - 30 votos; e "A UNE é Pra Lutar" - 33 votos.

Não foram computados os votos da chapa anarquista, impugnada por falta de seriedade na apresentação dos nomes.

Dentro do critério da proporcionalidade, coube à Chapa "SOS Universidade" 16 cargos na nova Diretoria, inclusive a Presidência, ocupada por CLAUDIO ROBERTO BERTOLDO LANGONI, membro da Tendência Caminhando no RIO GRANDE DO SUL e Vice-Presidente da Regional Sul da UNE na gestão 83/89.

A Chapa "Reconstruir a UNE" ficou com a Vice-Presidência, destinada a WALDEMAR MANUEL SILVA DE SOUZA, militante do PC do B na BAHIA, e mais 14 cargos.

As demais chapas deixarão de participar da Diretoria por não terem obtido pelo menos 10% do total dos votos.

Ao final do conclave foram anunciados a criação de novos cargos e os nomes dos integrantes das duas chapas que irão compor a Diretoria. Contudo, ainda não foi possível identificar a distribuição dos 29 cargos restantes, nem os nomes completos de seus ocupantes (Z7: "E").

6. A votação dos eixos de luta foi tumultuada e atropelada pelo interesse em compor a nova Diretoria.

No tema **Conjuntura Nacional** foram aprovadas as seguintes propostas:

- suspender o pagamento da dívida externa;

- desenvolver uma campanha de lutas pela revogação do Art. 143 da Constituição Federal Brasileira, que trata do Serviço Militar Obrigatório;

- reforma agrária sob controle dos que vivem e trabalham na terra;

- realizar debates sobre as eleições em todas as escolas e promover uma prévia eleitoral entre todos os estudantes, em Out 89, tendo como referência as candidaturas de LULA, preferencialmente, e a de ROBERTO FREIRE;

- denunciar o caráter ilegítimo do Governo SARNEY;

- tratar a Constituição brasileira de forma especial, para evitar que ocorram retrocessos nas Leis Complementares, como é o caso do direito de greve, garantido na Carta Magna e "confiscado" na sua complementação;

- estimular e proporcionar um amplo movimento de garantia dos interesses da população, seja para apoiar e concretizar as iniciativas de um governo democrático e popular, seja para se contrapor a um governo reacionário e antipopular proveniente do processo eleitoral;

- exigir um governo que coloque a universidade para produzir profissionais, ciência e tecnologia de acordo com os interesses do povo, para o desenvolvimento do País com soberania e participação;

- denunciar a crise do regime e do governo, ressaltando o ascenso das massas em busca de uma sociedade

socialista; e

- aprovar as lutas internacionais dos povos que buscam suas libertações.

Sobre o tema **Universidade**, foi aprovado o texto da tese "Alternativa de Luta, Democrática e Socialista" da TP/L3 (Z7: "F"), que destaca:

- boicote aos aumentos abusivos das mensalidades;

- eleições diretas em todos os níveis;

- aumento das mensalidades de acordo com o índice de reajuste dos trabalhadores;

- paridade nos órgãos colegiados;

- eleição da Diretoria da UNE segundo sistema congressual;

- padrão único de Universidade (ensino, programas e extensão indissociáveis);

- ensino público e gratuito em todos os níveis; e

- globalização das experiências com a "Alfa Beta Ação".

O projeto "Alfa Beta Ação" (Z7: "F" e "G"), idealizado pela TP/DS, é uma alternativa de ligação do programa para a Universidade com as necessidades de conhecimento do Movimento Operário e Popular, aprofundando a sua função social no sentido de servir aos interesses da maioria da população e não à burguesia, como hoje acontece. O "Alfa Beta Ação" já começou a ser implantado em PORTO ALEGRE/RS, por meio da articulação do ME com a Prefeitura Municipal, administrada por OLÍVIO DUTRA (PT/RS), e organizações populares.

Quanto ao tema **Movimento Estudantil**, ficou decidido que a Diretoria eleita elaborará um documento, com base nas propostas unificadas e sugestões dos vários segmentos das universidades, para viabilizar a reconstrução da UNE.

7. Para a realização do 40º Congresso, a UNE recebeu o apoio da Reitoria da UnB, do Governo do DISTRITO FEDERAL e do Banco de Brasília (BRB). As instalações da Universidade, salas de aula e anfiteatros serviram de alojamento e local para debates; as refeições, a preços subsidiados, foram oferecidas no restaurante universitário. O Governo do DISTRI-

L313109CJEX1A088LMEJUKR1XMIJ=0/DNK37ZE98

TO federal cedeu o Gran Circo Lar para a realização da plenária final, e o BRB cooperou com fornecimento de material utilizado pelos delegados.

As organizações comunistas montaram "stands" para a venda de material de divulgação e doutrinação, além de bebidas e lanches, como forma de arrecadar fundos (Z7: "H").

A candidatura de LULA à Presidência da República era a mais difundida nos "stands" e faixas, vindo em seguida a de ROBERTO FREIRE.

Como em outros congressos, foi grande o consumo de tóxicos e bebidas alcólicas.

A cobertura da imprensa foi inexpressiva, restringindo-se a pequenas notas em jornais locais.

8. O 40º Congresso da UNE não apontou caminhos que viessem a solucionar a crise de liderança por que passa a entidade e o próprio ME. Uma das causas apontadas para esta situação é a falta de coesão entre as diversas organizações comunistas e Partidos Políticos, que buscam, no movimento, a cooptação de lideranças e a exacerbação da crise, como forma de se promoverem.

Esta dificuldade pode ser dimensionada quando se constata o número de agremiações que participaram, de forma efetiva, do evento: CS; TP/DS; OT/QI; OOI; PC do B; MCR; PCB; MR-8; PLP; e militantes anarquistas. Com discreta atuação, simpatizantes da Juventude Socialista do Partido Democrático Trabalhista (JS/PDT) e integrantes da Juventude Ruralista da União Democrática Ruralista (UDR) também se fizeram presentes.

A campanha eleitoral, em andamento, teve marcante influência no congresso. A decisão do PC do B de não lançar candidato e dar seu apoio a LULA, integrando a "Frente Brasil Popular", alterou a ótica de algumas organizações comunistas que integram o PT, com relação àquele Partido.

Essa aliança circunstancial propiciou a vitória da tese da proporcionalidade, permitindo que fosse eleita uma Diretoria composta por militantes do PT e do PC do B, históricos inimigos no ME. Tal arranjo, ainda que precário, é sustentado pela perspectiva de crescimento da candidatura LULA.

Apesar de todos os conchavos girarem em tor_ no da campanha presidencial, a UNE não se manifestou oficial_ mente a favor de nenhum candidato, traçando apenas o perfil daquele considerado ideal, no qual melhor se encaixe o petis_ ta.

Quanto aos eixos de luta aprovados no Con_ gresso, sua consecução passa pela eleição de um Presidente cu_ jo perfil se enquadre naquele traçado pela entidade. A frus_ tração desta expectativa aponta para o acirramento das ações de contestação e enfrentamento.

* * *

Z3: 140/B1C.

Z7: "A" - Composição da mesa diretora na solenidade de abertu_ ra, nominata e fotos;

"B" - Fotos de faixas e cartazes expostos na solenidade de abertura;

"C" - Resumo e fotos das reuniões paralelas promovidas pe_ lo PLP e AJR;

"D" - Síntese das teses apresentadas durante o 40º Con_ gresso da UNE;

"E" - Integrantes da Diretoria da UNE;

"F" - Cópia da tese "Alternativa de Luta, Democrática e Socialista, da TP/DS;

"G" - Cópia de programa intitulado "Alfa Beta Ação"; e

"H" - Fotos dos "stands" de vendas de material de propa_ ganda e de bebidas.

CORREÇÃO 13SAD/CIn

FOLHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
02	ANDES	ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DOCENTES DE ENSINO SUPERIOR. ANDES.

4073099CJ5X1P080LLNEJVKR1XHIJ=8/DNK37ZE98

02/10/89
as soon

GAB/SEC/EXEC
(PROCCOLO)
PCE/N. 5404 / 19 89
Em 10 / 10 / 19 89

Z7: "A"

Composição da Mesa na Solenidade de Abertura.

- JULIANO CORBELLINI, Presidente da UNE;
- VALMIR CARLOS BISPO SANTOS, ex-Presidente da UNE, gestão 87/88, e militante do Partido Revolucionário Comunista (PRC), que se auto-extinguiu em 1989;
- HELDER MOLINA, Vice-Regional Centro-Oeste II, da UNE;
- PEDRO ALCANTARA MOREIRA, Presidente da Federação das Associações de Servidores das Universidades Brasileiras (FASUBRA);
- SADY DAL'ROSSO, Presidente da ANDES/ Sindicato Nacional;
- ANTONIO IBANEZ RUIZ, eleito para a Reitoria da Universidade de Brasília (UnB), aguardando posse;
- MANOEL RANGEL NETO, Presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES);
- FRANCISCO DOMINGOS DOS SANTOS "CHICO VIGILANTE", Presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) - Regional do DISTRITO FEDERAL;
- FAUZI MUSTAFÁ EL MASHINI, representante da DLP;
- AGNELO QUEIROZ, Presidente do PC do B, no DISTRITO FEDERAL;
- MARTINIANO CAVALCANTI, Presidente do Partido da Libertação Proletária (PLP);
- CHICO GUARANI, da União das Nações Indígenas;
- SEBASTIAO DE BARROS, do Partido Socialista Brasileiro (PSB);
- Dep. Fed. ERNESTO GRADELLA (PT/SP), membro do Comitê Central da Convergência Socialista (CS); e
- JUNIA GOUVEIA, Presidente da Federação Nacional de Assistência e Previdência Social (FENASPS) e militante da Tendência Partidária Democracia Socialista (TP/DS).

* * *

CONFIDENCIAL

12



↑
②

↑
③

1

↑
④

2. JUNIA GOUVEIA
3. FAUZI MUSTAFA
1. MANOEL RAPEL NETO
4. MARTINIANO CAVALCANTI

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL



- ①
- ②
- ③
- ④
- ⑤
- ⑥
- ⑦
- ⑧

1. JULIANO CORBELLINI
2. FAUZI MUSTAFA
3. MANOEL RANGEL NETO
- 4.
5. VALMIR CARLOS BISPO SANTOS
6. ANTONIO IBANEZ RUIZ
7. SADY DAL'ROSSO
8. PEDRO ALCANTARA MOREIRA

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

14



① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧

1. ANTONIO IBANFZ RUIZ
2. SADY DAL'ROSSO
3. PEDRO ALCANTARA MOREIRA
4. FRANCISCO DOMINGOS DOS SANTOS
5. Dep. Fed. ERNESTO GPADELLA
6. AGNELLO SANTOS QUEIROZ
7. HÉLDER MOLINA
8. SEBASTIAO DE BARROS

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

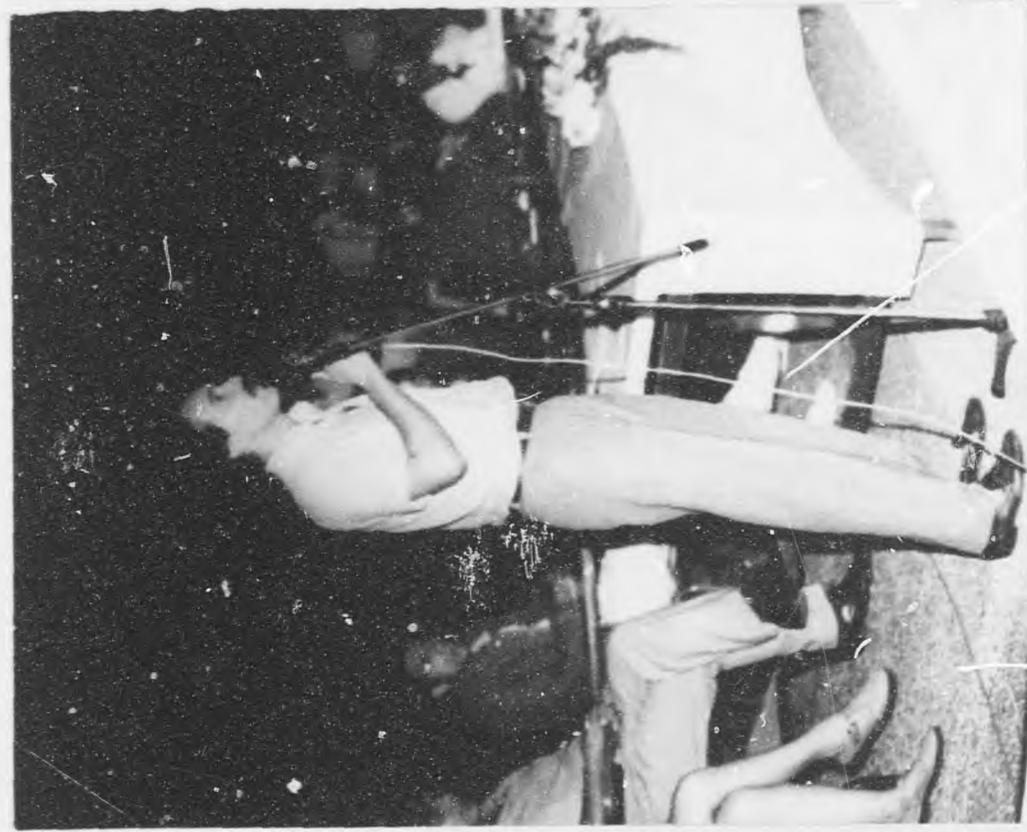


CHICO GUARANI

(em pé)

CONFIDENCIAL

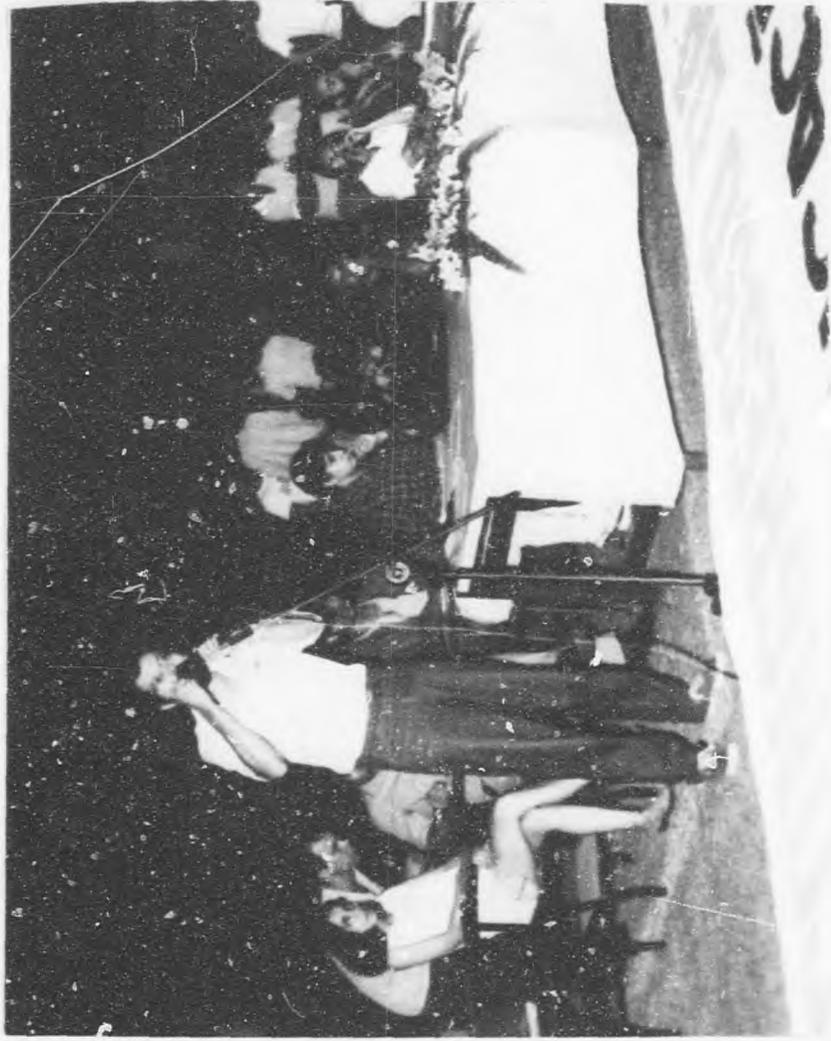
CONFIDENTIAL



CONFIDENTIAL

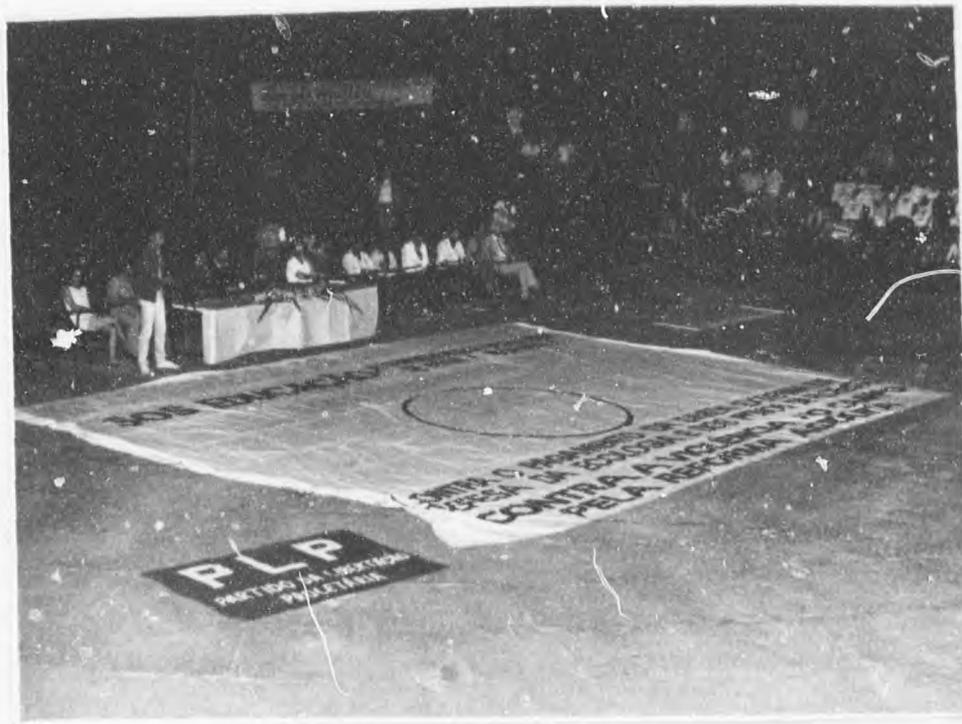


CONFIDENTIAL



CONFIDENTIAL

Z7: "B"



CONFIDENCIAL

19

PARTIDO DA LIBERTAÇÃO PROLETÁRIA CGB
APOIA: LULA PRESIDENTE
PELA EXPROPRIAÇÃO DOS MONOPÓLIOS.

UNIFICAÇÃO DAS
GREVES RUMO
A GREVE GERAL.

convergência
socialista
corrente interna do PT



CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

2



CONFIDENCIAL

Z7: "C"

1. EXPOSIÇÃO DO PROGRAMA DO PLP.

No dia 23 Set 89 o Presidente do PLP proferiu palestra para cerca de 150 pessoas, ressaltando o Programa de Ação do Governo Proletário e Popular a ser proposto como premissa básica para a formação de uma ampla Frente de Libertação dos Trabalhadores, como instrumento de construção e exercício do poder proletário.

O referido programa prevê a execução de várias medidas nos campos econômico, político e social, destacando-se as seguintes:

- socializará os monopólios da indústria, dos bancos, do comércio, do transporte, da construção, das comunicações e da agropecuária, estabelecendo a direção e o controle da produção pelos próprios trabalhadores;

- socializará a descentralizará todo o setor de saúde, garantindo assistência gratuita e de bom nível a toda população;

- educará nosso povo com base no espírito internacionalista de que a revolução proletária em nosso País é parte integrante do processo revolucionário mundial, praticando permanente solidariedade com todos os povos que lutam por sua libertação e que edificam o socialismo;

- promoverá uma profunda e radical transformação nas Forças Armadas, fazendo com que deixem de ser um instrumento de defesa dos interesses de uma minoria insignificante de grandes capitalistas e latifundiários e transformando-as em instrumento de defesa dos interesses populares, organizando-as em proximidade com os trabalhadores e educando-as dentro de princípios humanistas e de uma disciplina consciente;

- dará anistia ampla, geral e irrestrita a todos os militares democratas e revolucionários cassados pelos governos do grande capital; e

- garantirá os direitos políticos dos soldados, bem como o direito de sindicalização da tropa.

2. PLENÁRIA DA AJR.

A Plenária da AJR foi realizada no dia 23 Set 89, contando com a presença de aproximadamente 60 pessoas.

CONFIDENCIAL

2/2

22

Inicialmente foram divulgados avisos sobre horários de eventos, credenciamento e de uma plenária do PT.

Em seguida tiveram início as discussões sobre os principais assuntos da reunião: a questão da proporcionalidade para a composição da nova diretoria; e a formação de uma chapa independente com militantes da AJR.

Sobre a proporcionalidade foi ressaltado que a questão deveria ser analisada sob dois aspectos: o primeiro é o de mascarar por detrás da "democracia", toda a tentativa de lotear os cargos da diretoria entre as forças políticas petistas e pelegas (estes, enquanto direção, nunca defenderam a proporcionalidade), para buscar a unidade do movimento. Em segundo, a idéia de que todos os setores representativos precisam estar representados também é um argumento falso, pois significa que qualquer setor poderia estar na diretoria em qualquer entidade (colocaríamos os assassinos da UDR na UNE e na CUT porque têm presença no movimento).

Após a discussão dessa questão foi decidido que os militantes da AJR defenderiam a eleição majoritária para a nova diretoria, não aceitando a volta dos setores da burguesia para a entidade através de acordos de cúpula.

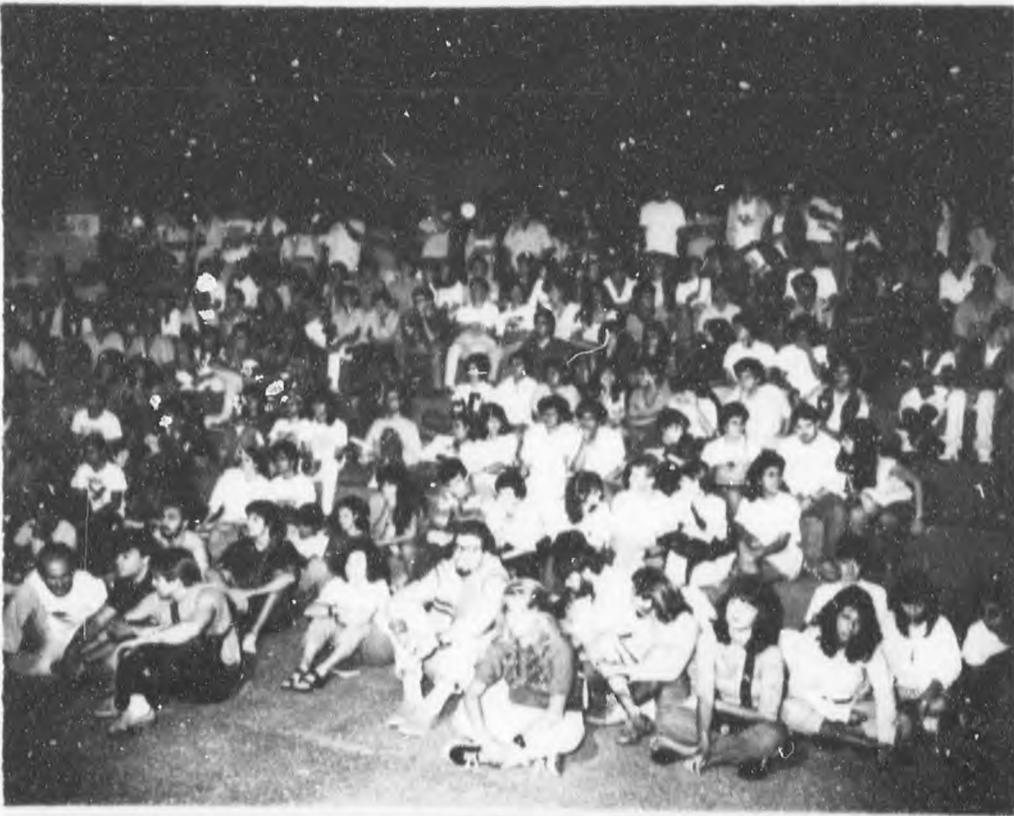
Quanto à participação da AJR na eleição para a Diretoria da UNE, ficou estabelecido que a organização concorreria com uma chapa própria, objetivando conseguir pelo menos 10% dos votos.

* * *

LJL3M09CJEX1R080LHEJVKR1XMIJ=0/DNK37ZE98

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL



CONFIDENCIAL

Z7: "D"

Síntese das teses apresentadas durante o 40º Congresso da UNE.

1. Teses apresentadas por estudantes da UnB.
 - "Educação pública e gratuita com qualidade em todos os níveis";
 - "Federalização (com critérios) das faculdades pagas no DF";
 - "Autonomia e democracia nas Universidades";
 - "Contra o aparelhamento das entidades estudantis"; e
 - "Contra o pagamento da dívida externa".

2. Teses da Coergência Socialista (CS).
 - "25% do orçamento da União para a Educação";
 - "Fim do vestibular";
 - "Diretoria proporcional";
 - "Romper todas as relações com a UIE";
 - "Filiar a UNE à CUT";
 - "Estatização do sistema financeiro sob o controle dos trabalhadores";
 - "Estatização dos transportes sob o controle dos trabalhadores (principalmente onde o PT dirige a Prefeitura)"; e
 - "Não pagamento da dívida interna aos grandes credores".

3. Teses do Partido da Libertação Proletária (PLP).
 - "Pelo fim das taxas nas Universidades Federais, pois elas representam a ameaça da implementação do ensino pago";
 - "Contra os aumentos nas escolas pagas";
 - "Participação paritária nas Estatuintes Universitárias, denunciando seus limites institucionais e políticos e implementando nos novos estatutos medidas democratizantes nos aspectos de decisão na Universidade";
 - "Não pagamento da dívida externa e fim de todas as formas de evasão de divisas"; e
 - "Reforma Agrária com o confisco do latifúndio".

WTL3ND9CJ76X1R080LLMEJVKR1XMIJ=9/DNK37ZE98

4. Teses da Aliança da Juventude Revolucionária (AJR).

- "Pelo monopólio estatal do comércio exterior";
- "Pelo controle operário da produção";
- "Pela estatização do sistema financeiro";
- "Pelo Governo dos trabalhadores da cidade e do campo";
- "Pela aliança operário-camponês-estudantes";
- "Pela filiação da UNE à CUT";
- "Pelo Governo operário e camponês";
- "Pelos comitês de autodefesa no campo";
- "Solidariedade aos estudantes e trabalhadores chineses"; e
- "Dissolução da UDR e organização de milícias dos trabalhadores rurais".

5. Teses da Tendência Partidária Democracia Socialista (TP/DS).

- "É preciso engajar o movimento estudantil na luta por uma democracia de massas neste País, democracia entendida como foi expresso no programa eleitoral dos sandinistas: "a democracia para nós é saber ler e escrever (...) é a saúde do povo (...) a Reforma Agrária, a soberania, a autodeterminação dos povos (...); e

- "É fundamental que os estudantes se constituam em fóruns massivos, desmistificando a visão de Universidade e saber neutros".

6. Teses da Articulação.

- "Precisamos radicalizar a luta democrática na Universidade, com eleições diretas para todos os cargos de representação";

- "A UNE deve levantar suas bandeiras e colocá-las a todos os candidatos à Presidência da República";

- "Que a UNE promova uma prévia eleitoral entre todos os estudantes em outubro";

- "Trabalhar na elaboração de uma política ecológica associada a uma real intervenção do conjunto do Movimento Estudantil e da juventude nesta área";

UJL3N09CJEXIAG8DLNEJVKP.LXMIJ=0/DNK372E98

7. Teses da Corrente O Trabalho pela Reconstrução da Quarta Internacional (OT/QI).

- "Fim da liberdade vigiada";
- "Organizar o boicote nacional unificado às mensalidades";
- "Marcar um dia nacional de luta pra valer, organizado, no início de outubro, incluindo a ocupação de dependências do MEC"; e
- "A UNE tem de ser o nosso sindicato".

8. Teses do PRC.

- "Não só contra um inimigo célebre que nos inspira cuidado lutavam e lutam os estudantes chineses"; e
- "O solo da boa terra está fecundo de contestação e liberdade, e os estudantes de todo o BRASIL, do outro lado do mundo, homenageiam seus semeadores".

9. Teses do Partido Operário Revolucionário Trotskista-Posadista (PORT/P).

- "A UNĒ tem que intervir com um programa de apoio a qualquer medida popular, investindo na mobilização das massas em prol da candidatura de LULA";
- "A UNE deve responder a esta realidade de crise, com um programa que eleve a universidade à uma função transformadora"; e
- "Os acontecimentos na CHINA demonstram onde terminam todas as tentativas de introduzir medidas capitalistas em um Estado operário, no fracasso, no desenvolvimento de camadas que passam para o capitalismo e colocam em perigo a estrutura do Estado operário".

10. Teses do PCB.

- "Precisamos unidade no principal fórum de discussão destes programas: o Congresso da UNE";
- "É fundamental a democratização e o acesso à universidade"; e
- "Somos contra que a UNE tire nesse Congresso resolução de apoio a alguma candidatura".

11. Teses do MCR.

- "A UNE deve priorizar um plano de lutas prati
cável, acoplado à realidade política vivenciada no País"; e
- "A UNE não deverá partidizar sua posição".

12. Teses da Viração.

- Eleição da diretoria de maneira proporcional;
- Articular com as entidades ambientais e ecoló
gicas uma ampla campanha de defesa da Amazônia;
- "Revisão dos regimes horários dos docentes e
dos métodos didáticos e da aprovação, para acabar com o chama
do pacto da mediocridade"; e
- "Suspensão imediata e auditoria da dívida ex
terna".

* * *

MJL3N099CJEX1A080LWEJVKR1XNIIJ=0/DNK372E98

Z7: "E"

Integrantes da Diretoria da UNE.

Chapa SOS Universidade.

- CLÁUDIO ROBERTO BERTOLDO LANGONI, da Tendência Caminhando, no RIO GRANDE DO SUL;

- CELSO PANSERA, militante da CS, no RIO DE JANEIRO;

- MARILDO MENEGAT, militante da TP/DS, no R. GRANDE DO SUL;

- JARBAS MACHADO, da Tendência Caminhando;

- ROBERTO BREDENODES SIMLER, de PERNAMBUCO;

- JUSSARA MAGALHÃES, militante da (Convergência Socialista);

- RODRIGO GHIRINGHELLI AZEVEDO, militante da TD/DS, no RIO GRANDE DO SUL;

- VITOR SALAZAR, da Tendência Caminhando;

- HERMÍLIO SANTOS, da Tendência Caminhando;

- ARLINDO CANDIDO;

- FERNANDO DALMAGO;

- MARCOS CORTESAN, da CS;

- ALCEU CARDOSO;

- MARCOS WELLINGTON;

- VITOR SABINO; e

- ADALGISA ANDRADE.

Chapa "Reconstruir a UNE".

- WALDEMAR MANUEL SILVA DE SOUZA, militante do PC do B, na BAHIA;

- ANSELMO;

- ALEMÃO;

- CRISTIANO;

- LUCIANA;

- JOSÉ CARLOS;

- CUMPELO;

- ALEXANDRE;

- ALEXANDRE CAMARA;

- LUIZ CLÁUDIO PEREIRA;

- GILBERTO SANTANA;

- MARCIA;

- ALAN;

- SAÍRIO; e

- MARCELO MALTA.

Z7 F

29

ALTERNATIVA

DE LUTA, DEMOCRÁTICA
E SOCIALISTA



Z7: "F"

TESES AO 40º CONGRESSO
DA UNE

TP/DS

→ Atenção jovem do futuro

6 de Setembro do ano de 2120, aniversário do 1º centenário da Revolução Socialista Mundial, que unificou todos os povos do planeta. Num só ideal e num só pensamento de unidade socialista, e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade.

Aqui ficam somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte.

Desculpem

eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos, que eu mesmo não verei. Mas, tenho o prazer de ter sonhado.

L

"Atenção jovem do futuro
6 de setembro do ano de 2120, aniversário ou 1º centenário da revolução socialista mundial, que unificou todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento de unidade socialista e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade.

Aqui ficam somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte.

Desculpem

eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos, que eu mesmo não verei. Mas, tenho o prazer de ter sonhado."

Chico Mendes



I - NA LUTA CONTRA A BARBÁRIE

01. Nunca, na história da humanidade, existiram tantas condições para se produzir alimentos e bens de consumo para todos, ao mesmo tempo em que nunca se viu tanta fome, miséria e devastação ecológica no planeta. Esta contradição encerra a lógica do capitalismo e suas crises, uma superprodução ao lado de uma brutal exclusão do consumo de produtos mínimos para a sobrevivência de milhares de pessoas.

02. O Brasil, como país capitalista periférico, tem suas crises sempre mais agudas e freqüentes. Com a falência do modelo econômico adotado em 1964 pela burguesia, as saídas para a crise atual se tornaram muito difíceis. A dívida externa de 130 bilhões de dólares torna impossível qualquer processo de capitalização e expansão industrial; somado à dívida interna e à especulação financeira, o país vive numa autêntica estagnação de sua economia, no limiar de uma situação onde cada vez mais se evidencia a exclusão de milhões de trabalhadores dos seus empregos e das condições mínimas de vida. A resposta para esta situação, por parte da burguesia, é o aumento da miséria, o arrocho, a hiper-inflação.

03. São mais de 2/3 da população vivendo em situação de pobreza absoluta. A não realização da reforma agrária implica na existência de 12 milhões de sem-terras. As políticas de austeridade dos governos neste período deterioraram completamente os serviços públicos, atacando o direito à moradia, à educação, à saúde, o acesso à cultura, etc., criando um exército de sem-teto, sem escola, doentes, analfabetos. . .

04. É este o Brasil que está em disputa nas eleições presidenciais. De um lado, a burguesia, a princípio dividida em vários candidatos, começa a se unificar na alternativa "colorida" para manter as coisas pretas para os trabalhadores, a exemplo das "grandes saídas" dos salvadores da pátria que a "Rede Bobo" constrói, polarizando os eleitores. Frases mil, feitas sob medida, obscurecem os verdadeiros projetos que estes senhores têm para o país: um governo com autoridade (leia-se autoritário) para implementar a superação da crise conforme os "conselhos" do imperialismo. Sabemos muito bem onde isso vai dar. . .

05. Por outro lado, desde 78 vem se construindo no Brasil um forte movimento operário e popular independente do Estado e de qualquer partido burguês. A alternativa e a esperança que este movimento representa é o aprofundamento da consciência dos trabalhadores, dos setores oprimidos da sociedade (mulheres, negros, ecologistas, juventude, . . .) de que somente a auto-organização, a luta contra a barbárie capitalista, pode oferecer um novo amanhã, um futuro pleno. Nos dias 14 e 15 de março a CUT, a Corrente Sindical Clasista e a CGT chamaram uma Greve Geral contra o pacote de verão. Milhões de trabalhadores atenderam ao chamado. O Plano verão derreteu no calor do protesto. Agora, diante da ameaça da hiper-inflação, a CUT chama novamente uma Greve Geral, para setembro. É necessário apresentar uma alternativa dos trabalhadores para a saída da crise. Esta Greve Geral, é uma resposta política às encenações da FIESP e do Congresso Nacional.

06. Os estudantes têm tarefas importantes a cumprir nesta nova década que se avizinha, nesta encruzilhada emaranhada mas promissora da nossa história: unificar suas lutas com os trabalhadores, construindo a Greve Geral, denunciando as candidaturas burguesas, o papel de engodo e de continuidade que representam em relação a tudo que está aí. Mas, principalmente, inspirados no exemplo dos estudantes chineses, lutar por uma nova ordem política e social, contra a ameaça nuclear, a devastação ecológica do planeta, a fome e a miséria... contra a barbárie capitalista — É TEMPO DE OUSAR!

07. Em todos os cantos desse país os trabalhadores expressam a sua indignação com o atual estado de coisas. Se queremos nos encontrar com eles, é preciso resgatar todo o potencial de rebeldia e transformação dos estudantes. É preciso engajar o movimento estudantil na luta por uma democracia de massas neste país, democracia entendida como foi expresso no programa eleitoral dos sandinistas:

"A democracia para nós é saber ler e escrever. A democracia para nós é a saúde do povo. A democracia para nós são os direitos dos trabalhadores, a reforma agrária, a soberania, a autodeterminação dos povos. A democracia para nós é criar uma sociedade fraterna de pessoas livres e iguais. É derrotar os exploradores do povo e libertar os explorados de suas cadeias."



II — A UNIVERSIDADE DOS TRABALHADORES

08. Não existe nenhuma perspectiva de superação da degradação e crise em que se encontra a Universidade brasileira, sem uma superação global da crise do país. Não existem "ilhas da fantasia" na luta universitária.

09. A burguesia aprofundou os laços da Universidade com o seu projeto econômico a partir da reforma de 68. O colapso do milagre econômico e da ditadura deixou a Universidade nu(a). A "Nova-República", com o Sr. Marco Maciel, tentou costurar uma colcha de retalhos, para encobrir a falência da Universidade. Esta tentativa recebeu a rápida resposta da Comunidade Universitária: o projeto da Comissão de Alto Ní-

vel, que depois se transformou em projeto GERES (Grupo Executivo de Reestruturação do Ensino Superior), foi para a gaveta. Desde então o MEC só se propôs a administrar a crise.

10. Em 89 tivemos um ataque no coração da Universidade. As verbas aprovadas no Congresso eram insuficientes para o funcionamento até julho. No embalo da política de contenção de despesas o governo e o Congresso Nacional propunham às Universidades a dura dieta de sobreviver com a menor taxa de O.C.C. (Outros Custeios e Capital) desde o golpe de 64. Não bastasse isto, nas pagas as mensalidades foram novamente liberadas, criando uma verdadeira explosão nos preços. A luta nas Federais foi um marco importante; a greve unificada dos funcionários, professores e estudantes, em 17 Universidades, durante 70 dias, levou o governo a um recuo que significou uma vitória momentânea fundamental. As pagas também devem repetir o exemplo, unificando a luta com os professores e funcionários em nível nacional para derrubar o decreto da liberdade dos aumentos.

11. Além do aperto das verbas e das mensalidades, a questão da autonomia universitária vem explodindo em diversos locais: a luta contra os interventores na UFRGS, na UFBA e em outras Federais em que o MEC não respeitou a decisão da comunidade universitária continua, e os Reitores eleitos na UFRJ e na UNB receberam o nariz torcido do ministro que não aceita cumprir o artigo 207 da Constituição, que garante a plena autonomia didática, científica, administrativa e financeira das Universidades. Eleger e empossar na própria Universidade o Reitor é um passo decisivo no sentido de um

33
maior aprofundamento da democratização da estrutura universitária, realizando, combinado com isto, Estatutos Livres, Soberanas e Paritários. É fundamental que as Estatuintes se constituam em fóruns massivos, desmistificando a visão de Universidade e saber neutros, abrindo caminho para a disputa de hegemonia no interior da Universidade, tanto no seu conteúdo, no conhecimento que ela produz, quanto no seu funcionamento, direcionando ensino, pesquisa e extensão para as necessidades objetivas dos trabalhadores. Além disto, esta bandeira nos arma para possíveis revezes no campo das reivindicações econômicas, possibilitando um acúmulo político que aprimore nosso nível de organização e nos prepare para os confrontos futuros com o MEC e as reitorias, no campo da luta pelo controle democrático da Universidade pela comunidade universitária.

— Um projeto para a Universidade:

12. A organização unificada das lutas, o aprofundamento da democracia e autonomia, exige um projeto mais claro e concreto para a Universidade. Nossa luta não tem um significado em si, isolado do contexto mais geral que envolve. É impossível qualquer transformação duradoura que não esteja combinada com uma transformação da sociedade. A FASUBRA — Federação dos Servidores das Universidades Brasileiras — elaborou o projeto "Universidade dos Trabalhadores", que aponta um programa de democratização das Universidades: 1) eleições diretas em todos os níveis; 2) paridade nos órgãos colegiados; 3) padrão único de Universidade (ensino, pesquisa e extensão indissociáveis); 4) ensino pú-

blício e gratuito em todos os níveis; etc. Este programa de democratização radical da Universidade está combinado com a visão mais geral de democratização radical do país. Na medida em que a sociedade, os trabalhadores, lutam pela ampliação da democracia, é fundamental que a Comunidade Universitária também apresente um claro programa de democratização radical destas instituições. O projeto da FASUBRA é a ligação da luta na Universidade com a luta mais geral, é a contribuição efetiva da disputa no interior da Universidade com as transformações mais gerais da sociedade, é o elo de unidade com os trabalhadores.

13. É um erro ver a Universidade como um mero instrumento, desqualificando mecanicamente a luta pela sua transformação, transformando todos os seus movimentos em campanhas economicistas, parciais, e exatamente por isso REFORMISTAS. Universidade não é sindicato. A luta na Universidade é essencialmente política. Transformar a Universidade sem um programa, sem um projeto global, não fazendo política, é transformar tudo num mero dissídio, onde todos lutam sem nada mudar.

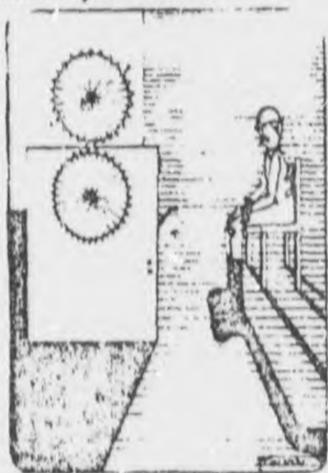
14. Assim, achamos equivocado o desprezo que as entidades e várias correntes do movimento vêm tendo com a discussão de projetos de Universidade. Consideramos fundamental não somente discutir estes projetos, como também aprofundar alternativas de superação de suas insuficiências. O Projeto Universidade dos Trabalhadores, por exemplo, avança muito pouco na elaboração das mudanças curriculares, deixando um vazio enorme quanto à qualidade desta Universidade democratizada, a sua função social. Não se deve ter a ilusão de que a democracia e autono-

34
mia por si só transformarão as práticas autoritárias de ensino, criarão currículos e programas para as cadeiras voltados à realidade do país. Estas mudanças das relações pedagógicas, dos conteúdos programáticos das disciplinas, exigem uma luta consciente, onde desde já os estudantes devem ter propostas e buscar, aliados aos professores e funcionários que com estas propostas concordem, uma alteração do perfil dos profissionais formados. Neste sentido, não resta a menor dúvida de que a busca de um conhecimento crítico, comprometido com a verdade e a realidade, exige um engajamento nas transformações mais gerais. Ao nos certificarmos da realidade da política de saúde pública no Brasil, dificilmente a resposta de um conhecimento crítico será a de manter o atual currículo, marcado pela formação voltada à medicina curativa. O mesmo se dá no campo da agronomia, onde a luta pela reforma agrária necessita ter atrás de si um conhecimento especializado, que instrumentalize o movimento dos sem-terra. O mesmo se dá em praticamente todos os campos do conhecimento produzido no interior da Universidade.

-- *Globalizar as experiências e elaborações*

15. Perceber estes desdobramentos da luta na Universidade exige do Movimento Estudantil uma maior elaboração sobre muitos assuntos. Esta elaboração, em alguns casos, já existe de forma isolada e parcial. É necessário, a partir delas, dar uma resposta para a falência do todo, do conjunto da instituição e suas relações pedagógicas. O ALFABETIZAÇÃO é o início de um projeto para esta globalização. É a iniciativa de se

generalizar o trabalho que os estudantes de Agronomia, Medicina, Direito e outras áreas há alguns anos vêm fazendo. É a aproximação de fato dos estudantes ao movimento dos trabalhadores e suas inúmeras necessidades de elaboração de políticas para enfrentar o governo. O ALFABETIZAÇÃO é uma alternativa de ligação do programa para a Universidade com as necessidades de conhecimento do movimento operário e popular, aprofundando a sua função social no sentido de servir aos interesses da maioria da população e não à burguesia como hoje acontece.



III — A CRISE EM MOVIMENTO

16. Se alguém ainda tinha dúvidas quanto à crise do movimento estudantil, provavelmente depois do Congresso de São José dos Campos não as tem mais. Esta crise se prolonga por mais de 10 anos, já é histórica! São várias as causas que contribuíram para este quadro:

1) A longa agonia da Universidade, que ainda não teve uma resposta de conjunto dos estudantes; 2) o mal-estar da ideologia burguesa; 3) a buro-

cratização das entidades; 4) a fossilização do programa do Movimento Estudantil e sua perda de papel social, entre outras causas.

17. Em 89 comemoramos 10 anos de reconstrução da UNE, sem muita festa e nada de champanhes. Nestes 10 anos, a UNE e o movimento estiveram longe do que poderia se esperar de uma entidade e de um setor social que em tempos passados — não muito distantes — haviam sido uma obrigatória referência das lutas políticas no país.

18. Fechados nos muros das Universidades, os estudantes não ousaram sair e contestar, nem mesmo durante a campanha das diretas, onde foram de carona, sem mostrar a cara, propondo-se a ser um pólo de atração da juventude. Nestes muros, se contestou desde o excesso de teias nas salas de aula, os aumentos de bandeirão, e até se fez eleições para Reitor. Tudo de forma isolada e espontânea, sem uma dinâmica nacional.

19. Longe da fecundidade que caracterizou o Movimento Estudantil, a UNE e as entidades estudantis em geral mais foram um palco de encarniçada disputa parlamentar do que um fórum de organização política dos estudantes. Este anacronismo burocratizou as estruturas do movimento, as diretorias passaram a cada vez mais se distanciar das bases e, em suas alucinadas disputas, a ver a democracia como um luxo, e não como um princípio de organização.

— O último período

20. A hegemonia reformista da Viração/PCdoB e seus aliados contribuiu em grande medida para esta situação. Ao não querer radicalizar a luta na Universidade, temendo os re-

flexos desta na conjuntura mais geral, manteve a UNE sob duro controle, agindo em diversas ocasiões como "bons golpistas", fraudando eleições, etc. Após a ruptura desta hegemonia, permaneceram numa postura divisionista e infantil, não participando dos fóruns unitários do movimento. A herança deste período pesou como a memória dos mortos, que na forma de fantasmas fizeram sua lembrança perdurar apesar de já não estarem mais no movimento.

21. A gestão de 87/88 criou um amplo leque de esperanças, que foram se construindo na medida em que o velho se imaginava apenas no PCdoB/Viração. Porém, o fôlego desta mudança comprovou sua fragilidade no Congresso de São José dos Campos. Este Congresso poderia ter representado um marco na recomposição do movimento e na unidade das lutas que efetivamente este ano se verificaram. No entanto, seu resultado foi um retrocesso.

22. Decepcionando a todos aqueles que imaginavam que a superação desta crise se resume à simples equação da mudança de direção, o 39º Congresso mostrou mais uma vez que a superação exige outras "ingredientes" que não somente as "trocas de direção" ou as "reestruturações" das entidades, mas a percepção mais avançada de diversos fenômenos que vêm acontecendo no meio estudantil, como os grupos de estudo, os encontros de área, os grupos culturais independentes e tantas outras manifestações, umas mais, outras menos politizadas.

23. Estes diversos caminhos procurados pelos estudantes, independentemente da UNE e de outras entidades, revelam uma inadaptação — positiva — à falta de democracia nas entidades e de espaços para manifes-

tações políticas que não fazem parte das bulas mais ortodoxas do movimento estudantil. Neste sentido, a rearticulação do movimento em nível nacional, a recuperação do papel que a UNE já teve, exige uma nova prática, uma visão mais aberta do que seja movimento estudantil, sem excluir as correntes e sem ser por estas excluídos dos centros de decisão, sem deixar de discutir os temas mais gerais, mas também não negando a discussão de tantos outros como juventude, drogas, feminismo, ecologia, etc., que fazem parte da vida de qualquer estudante que tenha um pequeno vínculo com seu tempo, com sua realidade, como se diz, que seja contemporâneo.

— A defesa da democracia

24. A democracia das entidades, e da UNE em particular, não é um capricho de organização e coexistência com posições diferenciadas. A pluralidade que se verifica hoje no Movimento Estudantil pode vir a se tornar um forte componente na organização e combatividade dos estudantes. Num momento em que a ideologia burguesa entra num fosso, criando um generalizado mal-estar, o espaço e a combinação de tarefas relacionadas com a transformação da sociedade, da Universidade e a construção de alternativas culturais, pode ser importante para a reconstrução do movimento.

25. Já há alguns anos a discussão da proporcionalidade vem polarizando os fóruns do movimento, enquanto forma de composição da diretoria da UNE onde participariam todas chapas com peso real no movimento, de forma proporcional à sua força política. Esta proposta sempre

foi combatida pelo senso-comum da impossibilidade de coexistência dos contrários — aliás, lógica com a qual concordamos. Porém, foram necessárias algumas experiências mal sucedidas na organização das lutas e do movimento era geral para se perceber que o dito inimigo não era um inimigo, mas um adversário, que na essência faz parte do mesmo campo daqueles que lutam por uma nova sociedade. Outro aspecto que se evidenciou é que quando o movimento organiza suas lutas unitariamente sua capacidade de pressão e vitória aumenta significativamente.

26. Após algumas trágicas experiências — na verdade perdemos muito tempo para verificar o óbvio — a proporcionalidade já não é mais uma simples polêmica, mas um elemento importante nas teses de muitos ex-encarnizados inimigos desta proposta.

27. A discussão da reestruturação da UNE começa por este ponto: mais democracia, mais combatividade — proporcionalidade em todos os níveis. O segundo elemento acerca da reestruturação da UNE é a modificação da sua estrutura interna de diretoria, dando um peso maior para as secretarias de área e a articulação dos estados ou regiões. No primeiro caso, é trazer para a estrutura da UNE a política por áreas, fazendo com que o movimento no todo assumira suas bandeiras. Diversos cursos já têm uma organização nacional permanente, coordenada por executivas como a SEDUNE (Direito), FEAB (Agronomia), DENEM (Medicina), e é fundamental articular estas estruturas com a UNE. Esta ligação maior com as áreas é imprescindível para se aprofundar a discussão de programa para a Universidade e a implementação do projeto ALFA

37
BETA AÇÃO. O segundo elemento envolve uma discussão mais profunda sobre a criação de coordenações estaduais ou regionais, com uma estrutura bem mais simples e ágil que as atuais UEE's. Estas coordenações seriam UNE's estaduais ou regionais. O que determina o campo de abrangência são as necessidades objetivas, o número de Universidades e a organização do movimento.

28. Com estas alterações a direção da UNE seria composta de um "pleno" onde participam todos os diretores — Regionais, Secretarias de Áreas e executiva — e de uma diretoria executiva com os seguintes cargos: Presidente, Vice-presidente, Secretaria-Geral, Secretaria de Organização, Secretaria de Formação Política, Tesouraria, Secretaria de Relações Internacionais (outros cargos podem ser criados). Tanto as Secretarias de Área — que devem ser subdivididas — como o trabalho executivo, devem abarcar grupos com outros diretores ou pessoas convidadas para os trabalhos específicos. Dotar a direção da UNE de uma maior funcionalidade pode contribuir para uma melhor articulação do movimento e a construção do programa que o novo período do Movimento Estudantil necessita.

— Um papel permanente para o Movimento Estudantil

E você
Tem sede de quê?

29. Os estudantes cumpriram um papel social importante nas décadas de 60 e 70. Com a Reforma Universitária de 68 e, principalmente, com a entrada em cena do movimento operário, a partir da construção do PT e da CUT, o movimento estu-

dantil na década de 80 perdeu seu papel de canalização e importante expressão da luta contra a ditadura e pela democracia:

30. A vanguarda do Movimento Estudantil não se deu conta desta mudança e, não se dando conta, continuou a repetir e colocar aos estudantes discursos, propostas e projetos já superados, que não percebiam o novo momento histórico e, por isso, eram incapazes de identificar as contradições atuais da sociedade e da Universidade e propor um novo papel para o movimento estudantil.

31. Não nos parece que este papel possa ser o de ir aos operários com nossas cordas vocais bem educadas, levando-lhes a mensagem do vazio profundo que existe em nossa geração, dizendo-lhes que são explorados e que "o diabo não está no inferno, mas é o satânico FMI e os patrões". Aliás, esta tese de que o movimento estudantil é um exército de recrutas piqueteiros já foi maravilhosamente ironizada pelo filme "A Classe Operária vai ao Paraíso".

32. A aproximação dos estudantes com o movimento operário e popular deve se dar de forma mais consistente, e sem dúvida alguma existe um campo enorme onde os estudantes podem contribuir com as deficiências de formação e informação dos trabalhadores, como assessorias sindicais, de organizações populares, etc. Além disso, existe um espaço de luta ideológica, luta para remover preconceitos místicos, folclóricos, raciais, sexuais, que muito contribuem para amedrontar, dividir e imobilizar a classe operária e outras camadas oprimidas.

33. A elaboração de um novo papel para o movimento estudantil deve, necessariamente, partir de uma análise da especificidade da identidade estudantil, da instituição na qual

estão inseridos e do seu papel e trajetória na sociedade, articulada à estratégia da luta pelo socialismo.

34. A Universidade - que tem como função central a reprodução da ideologia dominante e a formação de mão-de-obra especializada e alienada para as empresas - tem conseguido, através de relações pedagógicas autoritárias e da transmissão de conhecimentos ideologicamente comprometidos com a burguesia, desempenhar seu papel conservador. O anacronismo da intervenção do movimento estudantil não consegue se inserir nesta disputa e construir uma alternativa a esta Universidade.

35. É da combinação destas necessidades com a urgente transformação da Universidade que propomos O ALFA BETA AÇÃO. Sua área de articulação, de abrangência, é muito maior e mais eficaz do que a simples formação de colunas panfletárias e piqueteiras, sem com isso, evidentemente, desmerecer a necessidade de todas estas atividades, mas buscando um caminho além do simplismo pragmático.

36. O ALFA BETA AÇÃO busca se inserir na disputa ideológica que se trava na sociedade, e na qual a Universidade tem se colocado no pólo conservador, através de ações sociais onde os estudantes questionem o conteúdo transmitido e a função da Universidade, e elaborem alternativas a partir da prática.

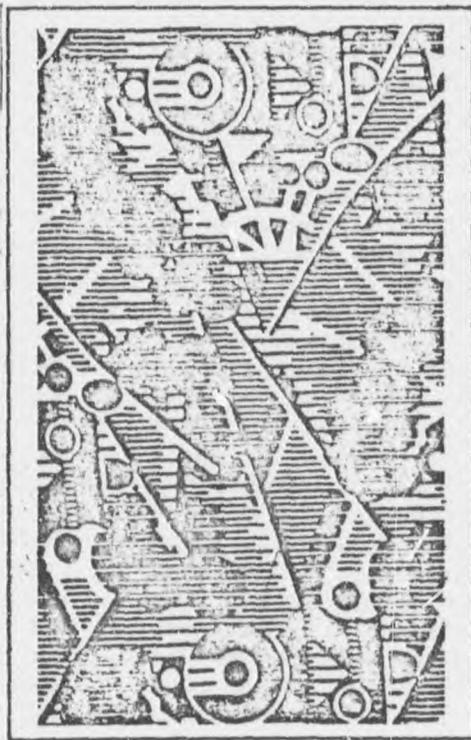
37. O paradoxo hoje colocado pelo desemprego e subemprego de arquitetos, quando o país tem um déficit habitacional de milhões de unidades; de médicos, enfermeiros, dentistas, psicólogos, quando a maior parte da população não tem acesso aos serviços de saúde; de professores, num país de analfabetos, e de tantas outras categorias profissionais

— que são formadas através de um grande investimento social e individual — que estão nestas condições de subaproveitamento, desvalorização e até de não aproveitamento, nos apresenta a possibilidade de materializar a identidade de interesses dos estudantes com os trabalhadores, através de programas de ação, que articulem estes futuros profissionais às demandas populares em experiências que reforcem os movimentos populares, através de assessorias, serviços, pesquisas, denúncias, em suas lutas e processos de auto-organização nos mais diversos campos do conhecimento (saúde, educação, habitação e saneamento, etc.).

38. As lutas sociais por melhores condições de vida, ao buscar garantir o acesso da população aos diversos serviços e bens, constituem um processo de superação deste paradoxo através da pressão para expansão dos serviços com a conseqüente expansão do campo de trabalho e valorização social destes profissionais. Assim, o ALFA BETA AÇÃO se fundamenta nesta identidade de interesses objetivos e pode assumir um caráter massivo — com ampla participação dos estudantes — e politizador, pois está ligado ao cotidiano da sala de aula e à questão do futuro profissional dos estudantes, e seus efeitos retornam para o interior da Universidade através do questionamento prático do perfil do profissional formado — até onde os estudantes estão preparados para responder às demandas populares segundo uma ótica transformadora, preventiva, participativa — e da função social da Universidade — do seu compromisso com as empresas, de sua ideologia conservadora, do seu distanciamento da realidade e dos grandes problemas do país, dos seus currículos aos interesses da acumulação capitalista.

39. Desta forma o ALFA BETA AÇÃO entende a Universidade enquanto um lugar de disputa e se insere nesta disputa com um projeto para o movimento estudantil com um caráter de classe, que questiona a formação positivista transmitida pela Universidade e propõe um novo método, baseado na interdisciplinaridade, na relação dialética teoria/prática, no desmascaramento da neutralidade científica.

40. O ALFA BETA AÇÃO já começa a ser implementado em Porto Alegre, através da articulação do movimento estudantil com a Prefeitura de Porto Alegre e organizações populares. Outras regiões do país começam a discuti-lo. A sede de transformar, o cheiro de revolução, nos levam à ação. E você, tem tido sede de quê?



ANEXO:

— ESCOLAS PAGAS:
ORGANIZAR A LUTA

1. A intenção da reforma de 68, era, por um lado, responder ao forte movimento por mais vagas na Universidade e cooptar as camadas médias via diploma, já que outras formas de ascensão eram estraçalhadas com a abrupta monopolização da economia, estabelecendo com isso uma base de apoio político à ditadura militar. Por outro lado, com a maior internacionalização da economia brasileira, que implicou na entrada de inúmeras multinacionais, necessitava-se de mão-de-obra especializada para compor os quadros que uma indústria capitalista moderna exige na era da revolução técnico-científica.

2. Para compor o desenvolvimento deste projeto o governo militar facilitou ao máximo o surgimento de escolas pagas, sem critérios mais rígidos senão o de cumprirem a demanda de mais vagas nas Universidades sem implicar em vultuosos investimentos do Estado para tanto. É, então, dentro destes aspectos mais gerais que a "Universidade Empresarial" vai ter seu espaço de expansão.

3. No último período, vemos, por parte da burguesia, a tentativa de aprofundar a elitização do ensino, basicamente através da desmassificação das Universidades, que os crescentes, desordenados e sucessivos aumentos têm proporcionado. Foi basicamente no início de 87, quando surgem aumentos acima de 300% ou 400%, que esta política se manifesta com maior ênfase. Como resposta a estes aumentos explodiram movimentos massivos, radicalizados, mas que não transpunham as reivindicações econômicas, contando com uma

40
vanguarda nova e inexperiente, com a ausência dos outros setores da comunidade universitária, com a fragmentação do movimento, que não conseguiu unidade a nível nacional, e com um quadro débil de estrutura e organização das entidades tanto gerais como de base. Precisamos agora politizar a luta e organizar esta vanguarda.

— Boicotes: em legítima defesa

4. As debilidades do atual estágio de construção do movimento estudantil, tanto em sua organização como na democracia de suas instâncias, fruto de um descrédito crescente dos estudantes em relação às entidades, coloca limites nas respostas globais que a história exige neste momento, principalmente em se ter vitórias definitivas. Por outro lado, o governo tem tido o cuidado de não criar fatos que impliquem na visualização de um inimigo comum centralizado e nacional.

5. A reconstrução do movimento, nestas condições, nos impõe como tarefas centrais romper com as lutas localizadas, esporádicas, dando-lhes uma dinâmica nacional, aglutinando, em torno de um bloco definido programaticamente, professores, funcionários, pais e estudantes. Neste sentido os boicotes são o que melhor *err* a idéia de tática unificada, pois enquanto forma de luta asfixia diretamente os cofres dos empresários, e como bandeira é facilmente ligado a auditorias sob controle da comunidade universitária. Garantir boicotes vitoriosos, agora, abre espaços significativos para boicotes pelo ensino público e gratuito num outro patamar de acúmulo e recomposição do movimento.

6. Além dos boicotes, outra táctica de resistência, que participa desta lógica, que é a preocupação de acumular algumas vitórias, mesmo que parciais, criar confiança na vanguarda em movimento e ocupar espaços no interior da Universidade é a questão de um índice nacional para controlar os aumentos. Este índice deve estar vinculado à política salarial porque desta forma criamos uma referência realista, que dará à massa confiança para entrar na luta e tem grandes condições de ser vitorioso. A palavra de ordem do congelamento tem o descrédito de sua inviabilidade na atual correlação de

41
forças, não mobiliza porque a massa não confia em uma vanguarda que apenas faz propaganda. Outro aspecto do congelamento, além do infantilismo propagandista, é que ele não demarca, como querem fazer alguns companheiros, uma política revolucionária de uma política reformista; o congelamento, nas atuais condições, inviabiliza a recomposição do movimento estudantil, e não as escolas pagas, ele é na verdade uma bandeira que radicaliza na forma sem nenhum conteúdo, no limite, é de reformismo radical e só, sem maiores consequências.

Assinam estas Teses:

Marildo Menegat (Sec. Form. Política-UNE - UFRJ)
Oscar (Vice-Nordeste UNE - UFPE)
Rodrigo Azevedo (Diretor DCE UFRGS)
Ana Lúcia (Coord. DCE UFRJ)
Jorge (Sec. Geral DCE UFRJ)
Caterine (Diretora DCE UFRJ)
Celso (CAMED - DCE UFRJ)
Joca (D.A. C. Sociais - PUC/RJ)
Fifa (USU-RJ)
Paulo Torelly (Coord. DCE UFRGS)
José Carlos Garcia (Sec. Geral DCE UFRGS)
Anísio Pires (Diretor DCE UFRGS)
Paulo Silveira (Direito UFRGS)
Eliana Menegat (Letras UFRGS)
Andreas Sydow (História UFRGS)
Marco Antonio Rodrigues (C. Soc. UFRGS)
Régis Pavani (Computação UFRGS)
Mônica Carcuchynski (Eng. UFRGS)
Miguel (Presidente DCE UNISINOS)
Luis Henrique (DCE UNISINOS)
Patrícia Pezi (Presidente DCE UCS)
Manoel Licks (Sec. Geral DCE UCS)
Marco Menezes (D.A. Med. UCS)
Gustavo (D.A. Psico UCS)
Leonora (História UCS)
Luis Neí (D.A. Filosofia UCS)

- Luciana Silva (Sec.Geral DCE UFPEL)
- Daniel (D.A.Direito UFPEL)
- Carla (Sec.Nac.Casas de Est.- PUC/RS)
- Luis Carlos (Ecologista,Comunicação PUC/RS)
- Braguinha (D.A.Economia ULBRA)
- Marina (DCE UFPR)
- Fernando (DCE UFPR)
- Luis Fernando (DCE FECIVEL-PR)
- Marcos (Presidente DCE FNU-SP)
- Maurício (C.Sociais USP)
- Rosana Ramos (C.Sociais USP)
- Eduardo Cypriano (Física USP)
- Mara (Direito -Osasco)
- Warley (DCE UFMG)
- Marcos (Eng. UFMG)
- Nando (UFJuiz: de Fora)
- Gil (UFJuiz: de Fora)
- Lício David (UFJuiz de Fora)
- Mário Lúcio (DCE Uberaba)
- Fábio (C.Soc. Fac.Gov.Valadares)
- Lauren (Psico UFMG)
- Gustavo Ferraz (Presidente DARB-UFBA)
- Augusto Carvalho (DARB-UFBA)
- Telma (UFPE)
- Inês (Ex-DCE UFES)
- Sandro (Ex-DCE UFES)
- Francismar (Presidente DCE Mossoró)
- Damião (D.A.Agronomia ESAM)
- Nilton Júnior (A.C.Soc. Mossoró)
- Luciano Rodrigues (UFAL)
- Pedro Montenegro (UFAL)
- Dino César (UFAL)
- Klinger da Silva (UFAL)
- Avelino Balvino (UFAL)
- Tarciso (UFPB)



Z7 G

43

Alfabetação

A CRISE NACIONAL,
A UNIVERSIDADE E A
LUTA DOS ESTUDANTES.

Z7: "G"



democracia socialista



44

Cadernos Democracia Socialista - Volume IX

Todos os direitos reservados à

Editora Aparte

Rua Artur Azevedo, 556 - Pinheiros, CEP 05404

São Paulo - SP

Impresso na Editora Gráfica Seriemã

Rua Fernandes Viciã, 611/4 - Bom Fim

Porto Alegre - RS

I - CRISE NACIONAL

1 - Após as eleições municipais de 88, a correlação de forças no cenário político nacional alterou-se qualitativamente à esquerda. O governo Sarney não conseguiu superar minimamente as graves crises que corroem o país. A combinação de uma crise social, que se agrava brutalmente, com a crise do modelo de acumulação capitalista, desgastado desde o início da década, tem levado ao aumento das disputas entre as diversas frações da burguesia. A Aliança Democrática haviu sido, por um curto espaço de tempo, uma trégua nas contradições em jogo no seio das classes dominantes. Não resistiu por muito tempo, a crise é maior do que a demagogia global tenta fazer crer. A fragilidade do governo Sarney, com seu nepotismo, sua corrupção e fisiologismo, levou a uma rápida perda das suas bases políticas e sociais de sustentação, mantendo-se apenas nas multas do exército. Este agravamento da capacidade de direção de qualquer força burguesa, ou de aliança entre estas, fez com que as crises de governo fossem permanentes durante a Nova República.

2 - Por outro lado, a recusa da CUT em participar da edição do pacto social e a não participação do PT na votação do colégio eleitoral que elegeu Sarney, além do crescimento das lutas sociais, fizeram com que se construísse uma alternativa independente dos trabalhadores, portadora de um projeto ainda frágil que, no entanto, através de sua coerência e penetração nestas lutas, cresce cada vez mais como possibilidade de construção de um bloco histórico operário e popular. A consolidação de uma extensa vanguarda classista tem colocado às lutas uma dinâmica de pressão permanente sobre os lucros da burguesia monopolista e, com o 15 de novembro de 88, começa a combinar este processo com a luta pelo maior controle sobre o Estado, ou seja, a consciência da luta democrática com forte caráter antiimperialista, pelo papel que a dívida externa e a soberania nacional exercem nesse cenário.

3 - As dimensões que esta crise vem tomando balançam a hegemonia burguesa, fazendo com que os conservadores alardeiem a iminência de uma revolução e outras manifestações de desconforto com o crescimento da esquerda, indicando uma alteração de qualidade da crise. O fato de o PMDB ter sido o maior propagandista da constituinte recém-concluída e, ao mesmo tempo, o maior derrotado das eleições, demonstra que os trabalhadores não têm ilusões quanto à nova Constituição. Por último, o desenvolvimento de experiências de auto-organização, ainda restritas, como os conselhos populares, a ocupação de fábricas, como em Volta Redonda, e a greve geral vitoriosa de março demonstram claramente que estamos no início de uma crise de regime, que, diferente de uma crise de governo, já envolve um custo maior para a sua resolução. Ante a luta pela democracia, o maior controle social do Estado e a maior participação nos frutos da riqueza, a burguesia acena com a "tentação" autoritária, a ameaça do golpe, o discurso desesperado de quem, durante todo esse século de história, não usou outra forma de manutenção do poder que não a ditadura, às vezes explícita, às vezes implícita. Por isso, a luta pela democracia no Brasil é uma tarefa central dos tra-

balhadores e não dos liberais burgueses, como alguns querem fazer crer. É este desafio, combinado com as tarefas transitórias da luta pelo socialismo, que se coloca para todos os ativistas do movimento operário e popular no próximo período.

CAMPANHA DO LULA

As eleições presidenciais e a candidatura de Lula nas universidades

4 - A candidatura de Lula à Presidência da República tem, desde já, um caráter de massas, pelas dimensões históricas da crise que enfrentamos e pela disposição de luta dos trabalhadores. É um grande instrumento de intervenção na conjuntura, significando a catalização e a unificação da consciência de luta democrática dos explorados excluídos da vida política do país.

5 - Podemos dar um grande salto de qualidade na construção partidária, trazendo para o partido os milhares de ativistas que aderirão à candidatura, formando comitês em fábricas, bairros, escolas, no campo etc. Para isto é necessário que os núcleos sejam instrumentos de elaboração e intervenção partidária. A ausência de um jornal nacional é sério obstáculo neste sentido, onde a falta de informação e a necessidade de formação serão cruciais à construção partidária.

6 - O perfil da candidatura deve caracterizar-se pela defesa da democracia radical combinada com um projeto socialista para o país. O PT deve politizar ao máximo o processo eleitoral, denunciando as causas dos "grandes problemas" nacionais, a ligação entre a ditadura, o domínio oligárquico do grande capital sobre o Estado e a sua continuidade durante a Nova República. As próprias Forças Armadas são ainda hoje um forte sustentáculo do governo Sarney. O PT precisa denunciar com firmeza estes elementos, apresentando eixos claros de contraste, apontando para a ampliação das liberdades democráticas e para a organização popular em todos os níveis, aumentando o controle social sobre o Estado.

7 - O programa do PT não pode imobilizar-se na ilusão do que é apenas factível no país da Constituição do "centrão". Devem ser abordadas questões como a dívida externa, a especulação financeira, o poder militar, o poder dos latifundiários, os monopólios reguladores dos preços, que lhe darão um inequívoco sentido anticapitalista. A candidatura faz parte do processo de criação de uma nova correlação de forças na sociedade, qualitativamente superior à já atingida, de estender, a partir da consciência e organização popular, os limites do possível. O programa será abertamente de choque com os interesses dos grandes grupos capitalistas.

8 - O PT deve buscar, tanto no programa quanto na composição dos Ministérios, alianças com os movimentos sociais do país. Devemos perceber que a candidatura deve ampliar-se, em muito, fora do partido. Este deve atrair para o seu centro o conjunto das organizações de esquerda, dando um caráter de unidade popular à candidatura.

47

9 - Para que Lula possa assumir, caso eleito, é necessário que se generalizem organizações de base, como comitês de campanha que expressem a política de alianças acima referida. Devemos, desde já, disseminar a idéia de que, caso Lula ganhe as eleições, será necessário um grande movimento de massas para que tome posse, e que seu governo confirme uma capacidade redobrada de organização e apoio popular para aplicar o programa que é de enfrentamento.

10 - O desdobramento da campanha Lula na universidade deve ser combinado a um programa específico. Denunciando o caráter de dominação e a crise das instituições de ensino superior, devemos apontar os caminhos de sua democratização radical e a transformação de sua função social.

A elaboração deste programa desdobra-se também na organização dos comitês de campanha, reunindo os três segmentos da comunidade universitária e os partidos que apóiam a candidatura.

II - A UNIVERSIDADE ENQUANTO CAMPO DE DISPUTA

11 - Desde que se aprofundou a dinâmica do período atual, as disputas de projeto, na universidade brasileira, se pautaram principalmente na denúncia da política e do projeto do governo Sarney (GERES) e numa propaganda pouco articulada de um programa que não se transformou em projeto da comunidade universitária.

12 - A ofensiva da "Nova República" na reestruturação do ensino superior resumiu-se à iniciativa, dirigida pelo Ministro Marco Maciel, da Comissão de Alto Nível. Este projeto propunha uma racionalização da universidade a partir da reforma de 68, modificando os elementos que se haviam tornado obsoletos pelas mudanças na conjuntura, sem nenhuma intenção de alterar significativamente a lógica privatista e autoritária do ensino. Já o projeto GERES - Grupo de Estudos e Reestruturação do Ensino Superior -, elaborado durante a gestão Bornhausen, era a concretização da Comissão de Alto Nível em projeto de lei. Estes projetos foram engavetados na medida em que há desacordo, por parte da burguesia, acerca de um novo modelo de acumulação e do papel da universidade. A ANDES e a FASUBRA enfrentaram abertamente estas tentativas autoritárias de mudança, por serem distantes das reivindicações já históricas da comunidade universitária.

13 - Num primeiro momento, a construção de um programa significou a propaganda da luta de reivindicações ANDES/FASUBRA. Esta luta não representou um projeto de universidade, mas um conjunto sistemático de reivindicações do movimento universitário, com as questões do ensino público e gratuito, do padrão único de universidade, da democracia da gestão e da função social da universidade voltada para os interesses da "maioria da população". Um recente desdobramento deste quadro foi o projeto de Universidade dos Trabalhadores, elaborado pela FASUBRA. Não houve maiores iniciativas no sentido de se unificar um projeto comum de universidade entre UNE/FASUBRA.

48

14 – Mesmo assim, várias universidades tiveram a experiência de um avanço da comunidade, ocupando espaços na instituição, elegendo reitores comprometidos com suas lutas, avançando – mesmo que timidamente – na concepção de democratização da estrutura do poder. Estas reitorias tornaram-se também importantes pólos de denúncia e enfrentamento à política do governo Sarney para o ensino superior. Nas universidades pagas, a ocupação de espaço e o enfrentamento com as mantenedoras pela democratização foi mais restrito, contudo a luta pela redução das mensalidades jogou um enorme contingente de estudantes na rua, emergindo dela uma vanguarda que tende, no seu amadurecimento, a perceber a importância de embates mais politizados contra os padrões do ensino e o MEC.

15 – Além desse espaço ocupado, tantas outras universidades se organizaram em processos de eleição direta dos reitores e, posteriormente, em lutas radicais, na tentativa de empossar os mais votados. Estas lutas demonstram características importantes do período:

1º – a intransigência do MEC em não absorver as reivindicações de democracia e autonomia da universidade, que coincide com o aumento do desgaste do governo Sarney;

2º – a continuidade da política de privatização do ensino com o crescente corte de verbas, deixando as universidades em estado de completa penúria;

3º – a disposição de luta dos três segmentos da comunidade universitária, realizando experiências importantes como assembléias conjuntas da comunidade, invasões de reitorias, greves longas, etc;

4º – ausência de um projeto nacional que unifique estas lutas.

2.1 – A UNIVERSIDADE DOS TRABALHADORES

16 – A objeção mais comum à Universidade dos Trabalhadores é de que ela seria a universidade vermelha, isolada da sociedade e, por esta razão, impossível de realizar-se. Não resta a menor dúvida de que nenhum projeto de universidade sobreviveria sem ser um desdobramento de uma visão de mundo, de sociedade e, enquanto programa, de uma estratégia global.

17 – A recente vitória do PT em grandes prefeituras trouxe consigo um importante debate acerca da utilização do espaço institucional em uma possível estratégia para a revolução. Diz-se neste debate que as prefeituras são "trincheiras na luta pelo socialismo". O que há de claro nesta percepção é a tarefa importante de desorganizar a lógica de utilização da máquina estatal na exploração dos trabalhadores. Apesar dos limites, dos quais não podemos ter nenhuma ilusão, desorganizar o aparato burguês e colocá-lo a serviço das lutas dos trabalhadores é um elemento importante no acúmulo de forças necessário à transição ao socialismo. Nesse sentido, as prefeituras do PT não são prefeituras vermelhas! São, isto sim, a ocupação de espaços importantes dentro da institucionalidade burguesa.

49

16 - A caracterização mais homogênea no ME, e que julgamos correta, é de que a universidade burguesa cumpre um papel de aparelho ideológico e de formação de um exército de reserva de trabalhadores intelectuais. Este aparato ideológico tem sido, historicamente, um espaço de disputas. A esquerda, na América Latina, tem sobrevivido aos golpes e se reconstruído dentro das universidades. A direita no Chile, após a vitória da Unidade Popular, em 70, jogou nas Universidades cartas importantes para o seu futuro golpe.

19 - Qual o nosso papel nestas disputas? Defender uma universidade competente e de qualidade ou disputar no seu interior projetos, concepções de universidade? Desestruturar a universidade enquanto instituição que compreende entre suas funções a sustentação de uma hegemonia do Estado é uma tarefa que vai além da simples denúncia do seu papel. Não podemos apenas fazer luta ideológica na universidade. É preciso ter política, saber polarizar, contrapor-se aos projetos burgueses.

20 - Este programa, pelas características das universidades brasileiras e pela incapacidade da burguesia, em nosso país, de absorver a autonomia e a democratização plenas desta instituição, deve ter em seu conteúdo um forte apelo às tarefas de democratização. Ao democratizar a universidade, porém, deve-se saber claramente o que se quer com esta democracia. Neste sentido afirmamos acima que seu papel é o desdobramento tático de uma estratégia global de transição para o socialismo. Assim, democratizar significa ampliar radicalmente o espaço de participação da comunidade universitária nas decisões, estabelecendo canais de participação que combinem a democracia direta com algumas instâncias representativas, como é o caso dos conselhos universitários paritários e a política na academia em atividade; trazer à comunidade a crescente exigência da ocupação e criação de espaços, do controle e decisão sobre os rumos da instituição.

- A luta ideológica.

21 - O projeto já elaborado pela FASUBRA (a Universidade dos Trabalhadores) tem um claro programa de democratização da instituição. Este programa aponta o necessário controle do poder pela comunidade universitária e estabelece, a partir de experiências já realizadas, mecanismos para esse controle. É um projeto para a luta pela democracia e pela autonomia. Mas somente isto basta? Nos capítulos referentes ao ensino, à pesquisa e à extensão não há maior aprofundamento. A razão destas lacunas é a insuficiência de discussões sobre estes temas na categoria. Nosso objetivo, porém, é estabelecer um programa para a intervenção na universidade que seja um desdobramento do programa de luta pelo socialismo, um desdobramento tático de uma estratégia. (Isto é importante para que não se imagine a luta universitária como o centro de qualquer estratégia revolucionária.).

50

22 — Portanto, aprofundar o programa da Universidade dos Trabalhadores significa, neste momento, ter claro o momento político que vivemos, no sentido de perceber a crise que as instituições burguesas começam a experimentar; a possibilidade (ou a necessidade) de ocupação de postos nestas instituições e a correspondência da forma de democratização da universidade com o conteúdo de um projeto de transformação radical da sociedade. Não basta lutar apenas pela democratização da universidade, se não respondermos com maior clareza e profundidade para quem servirá esta instituição e de que forma servirá.

23 — Neste sentido, torna-se muito atual o debate ideológico, não esterilizado na simples propaganda, mas descoberto em políticas, em propostas de como alterar a formação dos profissionais no interior desta instituição. Os professores, engenheiros, médicos, advogados de que o socialismo e, mais ainda, a luta pelo socialismo necessita serão os mesmos formados nas atuais condições da universidade brasileira? Só poderemos ganhar para esta luta alguns estudantes mais conscientes, mais avançados e não grande número deles? Enfim, democratizar e disputar na concepção do ensino, da pesquisa e da extensão são coisas distintas, primeiro democratizamos, depois disputamos para quem será esta democracia?

24 — As perguntas acima são apenas algumas das questões ou objeções que são colocadas neste debate. Há, por um lado, quem pense que uma universidade mais democrática será mais eficiente, terá melhor qualidade de ensino, e isto interessa aos trabalhadores, porque serão melhores médicos, economistas etc. Esta concepção esquece de que estes economistas, médicos etc. podem ser melhor formados para continuar reproduzindo a sociedade capitalista. Por outro lado, há uma concepção impressionista que acha que só um programa máximo é viável, somente com a derrubada do estado burguês poderemos ter um programa para a universidade. Enquanto isto não ocorre, resta-nos a propaganda.

25 — Na nossa concepção, o programa específico de luta na universidade deve, além de deixar claro para quem servirá a democracia, aprofundar de que forma a universidade se colocará a serviço da luta dos trabalhadores. Deve, em última instância, ter uma dimensão pedagógica que estabeleça condições críticas e criativas de absorção do conhecimento, mas, mais do que isto, que este ensino tenha um compromisso social claro, assim como a pesquisa e a extensão.

26 — O aprofundamento destes elementos programáticos ainda é pequeno, porém já existe algum esforço neste sentido. Inúmeros estudantes realizam grupos de estudo, participam de encontros de estudantes dos seus cursos, onde o tema central é o currículo, a função profissional, etc.

2.2 - CONSTRUIR UMA VANGUARDA UNIVERSITÁRIA CLASSISTA

27 - Antes de entrarmos propriamente no debate de um programa mais desenvolvido acerca da função social da universidade, apontaremos alguns elementos sobre a forma de organização da luta pela comunidade universitária e a tarefa fundamental de construir, no meio universitário, a CUT e o PT.

28 - O processo de eleições para reitor, em todas as universidades que tiveram esta experiência, foi fruto da auto-organização da comunidade universitária, seu envolvimento em acordos com as velhas reitorias, etc. O que, porém, esta experiência trouxe de universal foi o debate em torno da organização paritária dos órgãos universitários, segundo a qual o próprio movimento já se organizava e aparecia como um critério novo e democrático de gestão da universidade. Em muitos momentos, a necessidade de ocupação de reitorias e unidades da instituição levou à generalização da constituição de comandos de luta paritários, por departamentos, centros e assim por diante. Este processo de organização do movimento, a partir de suas próprias bases, e o desenvolvimento de uma discussão mais global acerca da universidade, foram fatores importantes para, o atual estágio de avanço na administração de várias universidades. Estas experiências de luta, certamente, pelo seu isolamento, não somente social mas também no conjunto das IES em nível nacional, tiveram pouca duração, mas mesmo assim foram suficientes para se evidenciar a superioridade da democracia e que a comunidade universitária pode construir.

29 - Uma das questões que impediram um acúmulo mais decisivo neste campo é a disparidade da construção do PT e da CUT no interior da universidade. Esta disparidade se dá em dois aspectos: primeiro, entre os setores da comunidade, onde a ANDES e os docentes cumpriram um papel importante durante a novela da Comissão de Alto Nível que a Nova República estrelou. Suas posições neste momento são no mínimo questionáveis. Um exemplo foi a discussão da ANDES acerca de sua filiação a uma central sindical. O preconceito com o trabalhador manual e a ilusão da cátedra ainda são remanescentes da limpeza que a ditadura militar fez no quadro de docentes. Este atraso e preconceitos dos professores tem sido inclusive responsável por algumas derrotas que movimentos isolados sofreram neste último período. Quanto aos funcionários, o quadro é bastante diferente. A FASUBRA vem se credenciando como o setor no meio universitário que maior consciência tem da necessidade de um programa classista para universidade. Parte do problema da construção de uma vanguarda classista no movimento universitário está relacionada à composição dos segmentos da comunidade e sua história (preconceito trabalho intelectual x trabalho manual, interesses corporativos, ditadura etc.). A outra veia deste problema é a ausência de uma política mais decidida de construção do PT na universidade. A maioria dos movimentos é dirigida por petistas nos três setores, no entanto estas experiências permanecem individualizadas e não há um esforço de sistematização de uma linha de construção partidária.

30 – O segundo aspecto é quanto à dinâmica nacional, que, também pela ausência do PT como partido dirigente, carece de uma unificação. Os enfrentamentos têm pipocado de forma isolada, os três setores apenas têm correspondido às questões corporativas e isto tem impedido um movimento mais vigoroso para a democratização das universidades, uma homogeneização na constituição dos novos estatutos etc.

31 – As tarefas no próximo período devem ser começadas exatamente pelos aspectos acima colocados: construir o PT na universidade, unificando a intervenção dos três setores e aprofundar as bases de um programa específico de luta que tenha clara a sua relação com o programa mais geral do partido. Não podemos querer gestionar esta velha universidade, com competência, dando soluções parciais aos seus monstruosos problemas; ao mesmo tempo não devemos esconder nossas cabeças diante do espaço que se abre para avançarmos por dentro desta instituição. Devemos fazer isto com a lucidez de quem sabe que este processo desembocará na ruptura de antigos cânones desta instituição. Portanto, todo nosso trabalho deve visar uma preparação adequada a esta situação provável. Não é relevante aqui reafirmar que este processo se combina, se confunde, com a luta geral dos trabalhadores. Não é necessário insistir, pois quem entende a necessidade de construção do PT na universidade sabe para quê!

III – A IDEOLOGIA DO CAPITALISMO TARDIO

32 – Após a grande crise de 29/30 e a II Grande Guerra, desenvolveu-se nos EUA (1940), e depois em outros países imperialistas (1945), uma verdadeira revolução técnico-científica, dando bases a uma onda de expansão do capitalismo que vem se esgotando desde o final da década de 60. Esta revolução tecnológica consiste na automação das máquinas, das linhas de produção, no desenvolvimento da eletrônica cibernética, modificando em muito os métodos de produção, com a utilização de novas matérias-primas (sintéticas). Houve também uma alteração quanto à qualificação do trabalhador, sendo necessário hoje uma maior "especialização profissional". A revolução técnico-científica é uma das principais características do atual estágio do capitalismo, o capitalismo tardio.

33 – As transformações que ocorreram desde então geraram uma ideologia específica da ideologia burguesa: a racionalidade tecnológica. Conforme expõe E. Mandel (*Capitalismo Tardio*, capítulo 16), a ideologia do capitalismo tardio tem como elementos básicos de sua formulação:

- 1 – o desenvolvimento técnico-científico condensou-se num poder autônomo de força invencível;
- 2 – a desideologização da consciência popular, ou seja, a repressão a visões de mundo, do homem e da história, tidas como tradicionais; o surgimento de teses como o *Fim das ideologias*, a *Morte das ideologias*, etc., a técnica e a especialização tornam-se parâmetros para ver o mundo, novas religiões;

3 – o sistema geral vigente não pode ser desafiado, pois é racional, tecnicamente equacionado pelos especialistas do planejamento empresarial ou estatal;

4 – a satisfação das necessidades, por meio de mecanismos tecnológicos de produção e consumo, reforça o consenso popular de incorporação e subordinação;

5 – a dominação tradicional de classe deu lugar à dominação anônima da tecnologia, tese muito comum dos romances e filmes de ficção, onde o conflito homem x tecnologia é tema fartamente desenvolvido, como nos filmes *Exterminador do futuro*, *Blade Runner* e outros.

34 – O raciocínio da ideologia tecnológica é de que o homem, em todos os seus domínios, se vê obrigado, para poder sobreviver contemporaneamente com suas novas necessidades, a usar a tecnologia. A tecnologia facilitaria sua vida, com refeições rápidas (tecnologia doméstica), trabalho mediado pela tecnologia, lazer "tecnologizado": cinema, vídeos, tv, videogame, *flipper* etc. É o clima do século XXI que os meios de comunicação vendem. O homem é escravo da técnica e esta torna-se um ser onipotente e autônomo da sociedade.

35 – Na verdade, o que ocorre é a coisificação da vida social. A autonomia e a onipotência da tecnologia criam o fetiche de que a relação social não é entre homem e natureza, homem e homem, mas entre homem e máquina. Esta ideologia não questiona, em momento algum, quem produz a máquina nem quais os interesses da utilização de tecnologia por quem a produziu, escamoteando-se desta forma a relação de dominação de classe. Outro aspecto da coisificação, não explicado pela racionalidade tecnológica, que tem grande significação na universidade, nas fontes de elaboração destas técnicas, é de como o brutal desenvolvimento tecnológico do homem na era do espaço, da libertação do trabalho mecânico, não conseguiu ainda desenvolver uma "individualidade rica" – viver melhor – satisfeita com seu universo eletrônico. A alta tecnologia e o aumento da fome e da pobreza, a destruição da natureza, o mau uso de fertilizantes químicos na agricultura, tudo isto demonstra não uma "racionalidade técnica", mas um desperdício oriundo da decisão de um ponto de vista particular de uma classe em relação ao desenvolvimento da humanidade.

36 – A ideologia da "racionalidade técnica" é incoerente. Por mais que se mistifique a técnica, a razão tecnológica não consegue explicar o porquê da crescente propagação do irracionalismo filosófico (a revitalização de Nietzsche), do misticismo, dos poderes ocultos da mente, das seitas apocalípticas, etc., da misantropia (os jugos individualistas, a alienação em drogas e sexo, fartamente usados pela indústria). A apologia permanente dos especialistas leva à hipervalorização das Ciências Tecnológicas e Exatas e a um recente ceticismo quanto à educação e à cultura, uma descrença nas Ciências Humanas e a uma colocação no posto de "parente pobre" do conhecimento. O capitalismo tardio não acredita na humanidade, mas na tecnologia.

3.1 – A PROLETARIZAÇÃO DO TRABALHO INTELECTUAL

37 – A universidade desta fase do capitalismo é a universidade empresarial-tecnocrata. Sua estrutura de organização segue a lógica da racionalidade empresarial: o ensino, a pesquisa e a extensão são tratados sob o ponto de vista da produtividade e eficiência, da parcelarização e conseqüente especialização. Não há globalização da função do conhecimento. Pouco importa se determinada especialização em físico-química é para o desenvolvimento de armamentos ou outras formas de destruição da natureza e do homem. Há, isto sim, a veneração da técnica pela técnica.

38 – Esta universidade autoritária tem entre suas funções sociais formar trabalhadores intelectuais, cada vez mais necessários à moderna indústria capitalista. A formação desses especialistas no interior da universidade não altera seu mais antigo papel de dominação ideológica. Como já expusemos acima, a ideologia da racionalidade tecnológica perpassa todos os instantes do cotidiano universitário. Sua adaptação ao atual estágio do capitalismo, porém, levou-a à massificação e à diversificação da composição social. Não se trata mais de a Universidade criar quadros dirigentes da burguesia, mas sim uma ampla massa de trabalhadores intelectuais que serão jogados no mercado de trabalho com as mesmas inseguranças de qualquer trabalhador manual em relação ao emprego, ao salário e mesmo à drenagem de seu trabalho. Estas alterações na universidade, o setor social que cria sua função na infra-estrutura (economia), levam os revolucionários a problematizarem com menos ortodoxia a sua intervenção nesta instituição. Não se trata mais de resumir tudo com o conceito de pequena burguesia e virar as costas, mas sim de entender o papel destes profissionais e suas contradições com o capitalismo. Entender isto, o que não é pouco, implica numa tática de atuação na universidade que incorpore um forte apelo à disputa político-ideológica no seu interior.

IV – A CRISE DO ME

39 – Estaria o ME em crise? Esta questão nos leva a pensar o que seria o ME, qual o seu papel e se este estaria sendo a prática do movimento.

40 – O ressurgimento da UNE, após a derrota imposta pela ditadura militar, deu-se na luta por uma anistia ampla, geral e irrestrita. Este movimento de massas, em 1977, foi possível e necessário porque o conjunto das forças sociais e políticas da sociedade brasileira estava desorganizado e duramente atingido pela repressão. Das mobilizações de massas que os estudantes protagonizaram em 76/78, caímos no internismo da reconstrução da UNE (1979) e numa seqüência de disputas na direção da entidade. O ME se tornava um movimento corporativo e economicista. Suas lutas não cessaram, porém mantinham um caráter isolado e minimalista, se não economicista mesmo. Quais as causas para esta longa agonia do movimento? Alguns, de tão angustiados, acreditavam que a UNE não mais existia. . .

41 - Nosso ponto de vista é de que se combinaram várias causas e o movimento não soube atacar nenhuma delas com relativa eficiência política (programática). A primeira é a própria crise da universidade burguesa, em que os estudantes ainda não conseguiram elaborar um critério global à instituição que se objetiva em um projeto de disputa possibilitado pelo espaço universitário. Assim mesmo, a universidade burguesa perdeu sua função social e durante a década de 80 teve disputas em seu interior, sendo os estudantes o seu setor radicalizante, mas não politizador, no sentido de uma clara defesa de um projeto para a disputa. Avançou-se nos espaços da instituição, mas por parte dos estudantes foi mais o exercício de um cego tateando as paredes do que de um sujeito político organizado.

42 - Uma segunda causa é a composição social do meio estudantil. Marcada pela massificação, a universidade é composta por um tecido pluriclassista, que dificulta uma política mais aberta de defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores. Dificulta porque, pelas razões expostas anteriormente, a universidade mudou seu papel, o qual a aproxima muito da produção, da infra-estrutura. Assim, a consciência de classe, o classismo, se exerce enquanto uma disputa de hegemonia, uma disputa ideológica e não somente de "plano de lutas". Esta composição social mais larga possibilitou o ingresso na instituição de filhos de operários qualificados, sem se falar da classe média, em proletarização crescente. O que esta modificação de composição social trouxe de dificuldade foi o não entendimento, por parte da vanguarda, da tensão dialética criada entre as reivindicações imediatas sentidas pelos setores mais proletarizados, como por exemplo o bandeirão, a moradia estudantil e a luta pela democracia e modificação dos currículos (da função social). O terceiro aspecto é relacionado ao anterior. A universidade é composta preponderantemente por jovens de 17 a 28 anos. Esta juventude vive em meio a uma profunda crise de valores burgueses, da ideologia burguesa. Neste sentido, questões como a moral, o modo de vida, o sexo, a cultura e as drogas assumem um caráter de neurose coletiva. A esquerda, inclusive o PT, não tem tido uma política clara para ganhar esta juventude para novos valores. A propaganda de um novo homem e de uma nova mulher, que faz parte da propaganda do socialismo, não é incorporada, não é praticada, porque o ME se debate entre a mais revolucionária palavra de ordem: congelar mensalidades ou assumir índices!

43 - Como quarta razão da crise, apontamos a perda de um papel político-social do ME. Após a mobilização em torno de um grande tema para a nação que foi a luta democrática pela anistia, o ME viu o movimento operário entrar em cena, vigoroso como nunca havia sido, emergindo dele uma vanguarda de fôlego que construiu, juntamente com outros setores, a CUT e o PT.

44 - Com esta construção do movimento operário, expressa em organismos de classe como a CUT e o PT, o cenário político começou a ser pressionado por uma voz radical, independente, que tinha um forte apelo tanto em sua política como em suas formas de luta, coisa que os estudantes não possuíam. Esta é

uma questão nevrálgica que nos problematiza a relação com o movimento operário. Será uma aliança? Que tipo de aliança? Os estudantes não têm um papel específico na luta que o proletariado faz por um novo projeto de sociedade?

45 – É a quinta, a crise de direção. Desde a reconstrução da UNE, o ME vinha sendo dirigido pelo bloco reformista (PC do B, PSB, MR8). Este setor do movimento, baseado em suas teses de colaboração de classe na conjuntura mais geral, impunha ao movimento, em nível nacional, uma dinâmica fragmentada e economicista. Quando saiu para um debate mais geral, como o da reforma universitária, foi para propor apoio ao projeto da Comissão de Alto Nível do Sr. Marco Maciel. Para manter sua hegemonia, este bloco lançava mão comumente de fraudes e ataques a democracia da entidade.

46 – Esta lacuna, criada pela ausência de um partido revolucionário que se colocasse como alternativa de direção, fez com que o movimento vivesse um longo ciclo de refluxo. Não há uma continuidade em relação ao acúmulo de uma geração para outra. Há uma perda de memória política do movimento.

47 – A unificação da construção do PT na universidade é fundamental para esta superação qualitativa. O congresso de Campinas foi o amadurecimento de uma tese que nos parecia bastante óbvia: somente o PT poderia ser uma real alternativa ao PC do B, aos reformistas.

48 – A crise de direção persiste nas inconstâncias da construção do PT, na ausência de uma maior homogeneidade programática e na recomposição da vanguarda que vem se desenvolvendo no último período.

49 – Qualquer superação da crise deve ser pensada em todos estes campos; deve envolver um esforço coletivo, não somente do PT, mas de todas as organizações do movimento, em busca de uma unidade política que possa forjar a espinha vertebral das futuras lutas.

4.1 – POSSÍVEIS PAPEIS PARA O ME

50 – Seria sensato darmos ao movimento estudantil algum papel além das suas lutas corporativas? Qual seria este papel em meio à crise da República que se pretendeu nova, da universidade perdida entre o discurso da competência empresarial e a ausência de projeto?

51 – Historicamente, o ME não tem se restringido apenas ao horizonte barreado nos muros da universidade. Sua capacidade de explosão em busca de tarefas mais amplas pode ser agrupada em três níveis.

52 - Um primeiro nível se dá quando as possibilidades de manifestação política na sociedade são bastante restritas e os estudantes intervêm cumprindo um papel "auxiliar" ao movimento dos trabalhadores. É uma relativa substituição o que ocorre na impossibilidade de uma maior organização do movimento operário, impossibilidade esta devida a repressão generalizada das organizações operárias. Logo, os estudantes assumem bandeiras de luta de liberdades democráticas, etc. Este papel foi, por exemplo, o que ocorreu no Brasil em 76/77.

53 - Segundo, o detonador de lutas. Aconteceu de forma mais clara na França, em 68. O movimento operário estava completamente hegemonizado pelo PCF e pelo PSF. A burocracia sindical evitava um confronto com a burguesia francesa. Acumulando uma vasta experiência antiimperialista (guerra de Argel) no início da década de 60, os estudantes aprofundaram sua elaboração programática nos congressos da UNEF posteriores a 60, onde ficou cada vez mais explícito o caráter antiimperialista e antiburocrático das lutas. Da sobrepolitização deste segmento social, da radicalidade e do exemplo de suas lutas, começa a haver uma polarização da base operária. Este movimento, iniciado em março de 68, resultará numa greve geral de 10 milhões de operários em maio do mesmo ano e sempre dirigirá-se aos operários, para que desobedeçam as direções reformistas e enfrentem a burguesia. O fundamental deste papel foi a ausência de um partido revolucionário de massas.

54 - O terceiro papel dá-se quando a sociedade não está esmagada em suas manifestações de liberdade de organização e expressão. O movimento operário apresenta uma efervescência e vitalidade suficiente para construir instrumentos próprios de luta e há uma polarização entre projetos. É o caso de experiências como a da Nicarágua em 79 e de El Salvador hoje. Os estudantes neste caso ligam-se organicamente à luta de libertação de seus povos, submetendo a sua tática de intervenção específica a uma estratégia global. Este papel pressupõe, então, a existência de um partido revolucionário que construa um processo de lutas onde os estudantes serão polarizados e participarão com o que de melhor podem oferecer à causa, seu conhecimento socializado. Não é um papel messiânico que cabe aos estudantes, o de ensinarem o ABC do socialismo aos operários, mas, modestamente, o de ter em seu conhecimento não um instrumento de poder autoritário, reacionário, mas uma mola de permanente elaboração das inúmeras soluções teóricas aos constantes problemas que a prática revolucionária suscita. Este papel é tanto de intelectual orgânico, no sentido gramsciano, como o de construtor de uma nova sociedade, que exige em sua extensão e complexidade respostas cada vez mais científicas.

4.2 – OS CPC's DA UNE (59/64)

55 – O populismo criou durante os anos 59/64 uma tensão bastante típica de seu projeto. Por um lado, em defesa de um desenvolvimento nacional, uma fração da burguesia que estava no governo utilizou-se da sua aliança com as camadas médias, a fim de garantir uma correlação de forças a seu favor. Estas mesmas camadas médias colocaram-se como interlocutoras do povo com a fração dirigente da classe dominante, buscando uma fatia do poder e usando movimentos populares para pressionar as mudanças necessárias (no seu ponto de vista) por dentro das instituições. Por outro lado, as frações reacionárias da burguesia aliavam-se ao imperialismo e com a tutela do exército preparavam o golpe.

56 – É a partir deste quadro que se desenvolverá a mais rica experiência, por sua extensão e pela radicalidade contida em seu germe, de alfabetização, educação de base e cultura popular. Esta experiência não será exclusiva de um único setor: a Igreja, o Estado, algumas entidades de profissionais liberais, lideranças populares e o movimento estudantil a protagonizarão.

57 – Os estudantes engajam-se nesta experiência a partir de algumas crises cortidas na própria modificação que a universidade sofreu no período populista, como um sensível aumento de vagas, ampliando a massa de estudantes, uma maior importância nas carreiras ligadas às Ciências Sociais, fazendo com que a vanguarda estudantil se tornasse mais sensível ao momento político do país, ao jogo de forças na sociedade. Esta reflexão e engajamento não surgiram apenas neste momento. São uma preocupação anterior concretizada neste período. A conjuntura criou operações na universidade que contribuíram para que os estudantes buscassem um papel, uma intervenção específica, naquela disputa de projetos.

58 – A criação dos CPC's da UNE era uma forma de levar uma contribuição dos estudantes ao "povo". As três áreas de atuação foram:

- a) alfabetização,
- b) cultura popular e
- c) educação de base.

Uma marca comum às três áreas, e do próprio período, por ser um elemento do populismo, era o paternalismo com que se executava esta ação. Além dessa característica, as insuficiências do projeto populista, seu pluriclassismo e a incapacidade de atender à demanda das reivindicações populares levaram as atividades daquela ação social a um campo limitado de solução das tarefas a que se propunha.

59 – Mesmo assim, foi possível desenvolver no campo da alfabetização um método crítico, conscientizador, o método Paulo Freire, que buscava uma consciência do alfabetizando, a partir do seu papel na sociedade. Os movimentos populares tentaram, e em algumas regiões do Nordeste conseguiram, dar um caráter de articulação com um projeto histórico-transformador, porém bastante ambí-

guo e confuso. O Estado e as elites dominantes agiram em movimentos de alfabetização em busca de votos — só o alfabetizado votava — e currais eleitorais.

60 — A cultura popular foi onde mais claro se deu o corte político das inserções da vanguarda daquela época. Denunciando o imperialismo, contribuíram para a formação de uma consciência nacionalista através da busca da identidade nacional nas artes e na cultura em geral. É bastante fecundo o produto do cinema deste período: o surgimento do Cinema Novo e todo o conseqüente debate sobre os valores e os heróis nacionais, buscando temas pertinentes à nossa realidade e às transformações que ela exigia. Outro exemplo fecundo é o Teatro, com suas peças de rua etc. Quanto à educação de base, não existem muitas referências de sua atividade, mas a UNE publicava sistematicamente cadernos sobre temas políticos atuais.

61 — Toda a efervescência e riqueza deste momento foi derrotada com o populismo. A impossibilidade de criação de uma correlação de forças favoráveis levou ao golpe. A dispersão da organização popular e operária, sua fragilidade e submissão a um projeto alienígena aos seus interesses históricos impossibilitou a resistência ao golpe. Rever este momento da história do país e do ME exige um esforço de mediação gigantesco. Na atual conjuntura, não se trata de uma polarização interburguesa. Os trabalhadores desenvolveram-se muito em termos de política. A luta democrática e socialista vem crescendo a cada dia. A CUT e o PT são hoje referências obrigatórias no cenário político. Aprender com a história significa relacionar os acertos e evitar os erros, ampliar as pretensões, torná-las complexas (sem que esta complexidade nos engule), como exige a situação.

62 — Estamos convencidos de que é necessário, e isto é um ato preciso, convocar os estudantes a uma nova ação social, a uma prática social do seu conhecimento, socializando-o, reelaborando-o, num compromisso com a transformação social e política do país. A luta contra as idéias da burguesia, que nestes últimos 30 anos encontrou formas mais modernas, poderosas e massificantes de divulgação, como a TV, o cinema e outros meios de comunicação, obriga-nos a pensar urgentemente no que vem sendo feito a favor da visão de mundo socialista, quais as atividades que têm buscado elaborar e contribuir neste importante campo da luta de classes. Pensamos estar aí uma das possíveis atividades do ME, cuja contribuição pode auxiliar o deslocamento da correlação de forças em favor dos trabalhadores.

V – CRÍTICA À IDEOLOGIA BURGUESA E A ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO CRÍTICO

Introdução:

63 – O debate em torno das alianças que cabem ao proletariado no processo revolucionário, debate que deve ser feito a partir de uma análise da estrutura social brasileira, indica a importância de se ganhar os setores médios para o processo. Sabemos também da dificuldade histórica que o proletariado tem sofrido para exercer uma hegemonia sobre este setor. De qualquer forma, diante da dificuldade, restaria-nos a neutralização da sua atividade política. Porém, este é um limite que não podemos nos colocar, a priori. Devemos é procurar ganhar estes setores ativamente para a luta democrática e para o socialismo. A universidade, tanto pela sua composição como pelo papel de formadora de quadros técnicos para a indústria monopolista, para o Estado etc., é um lugar importante para esta hegemonia ativa, ou seja, de militância orgânica de parcelas das camadas médias e de influência sobre uma massa desta.

64 – Não temos a ilusão, contudo, de que o PT hegemonezará a totalidade deste segmento e nem que serão ganhos para a Revolução, e para o PT todos os intelectuais de boa vontade. A situação de classe dos estudantes lhes pesa sobre a simples vontade. É necessário todo um processo de reeducação, de negação de valores pequeno-burgueses que formam sua visão do mundo. Não basta, em outras palavras, ter a adesão militante de um especialista, única e exclusivamente com sua disposição. É necessária uma profunda reelaboração (como já vimos em outra parte deste trabalho) deste conhecimento, da relação com a sociedade e a natureza. A luta ideológica, o confronto com este conhecimento, a elaboração de uma alternativa comprometida com a visão de mundo dos trabalhadores, é um elemento importantíssimo para a nossa intervenção na universidade.

65 – Construir o socialismo hoje requer do PT e seus aliados a capacidade de pensar e estruturar uma sociedade industrial, que herdará inúmeras misérias sociais. Este desafio não é vencido apenas com a nossa vontade de luta e organização. Serão necessários milhares de cientistas, técnicos e educadores que possibilitem manter a atual complexidade da sociedade e desenvolvê-la superando seus limites de concentração dos benefícios do progresso, da ciência e da tecnologia, hoje usufruídos por uma minoria, para que sejam no futuro um direito de todos.

5.1 – OS ENCONTROS POR CURSO E A POLÍTICA DE ÁREAS

66 – Os Encontros por cursos já tiveram diversos caracteres na história do movimento estudantil. Na década de 70 foram importantes fóruns na rearticulação da UNE. Superada essa fase houve um deslocamento das preocupações da

vanguarda que, envolvida com a entidade geral, não precisava mais dos Encontros como local de articulação. Os encontros foram paulatinamente se afastando da estrutura permanente do movimento, tornando-se eventos marginais no calendário oficial de CONEG's., CONEB's e Congressos. Com o fim dos CONEB's, em 85, ficou cada vez mais difícil para o movimento visualizar um elo com os Encontros.

67 – Foi na combinação da crise do movimento com a sua marginalização que estes se tornaram verdadeiros eventos "alternativos". Quase todos os cursos vêm avançando nesta organização federativa, onde os encontros têm um caráter massivo, aberto e livre dos vícios de uma vanguarda que fez da relativa autonomia da superestrutura do ME uma absoluta autonomia, muito longe de qualquer eco na base, que então se organizava, inclusive de forma sectária e distante dos fóruns gerais. A crítica ao ME oficial era um discurso desarticulado contra os vícios de todos, e em particular à política burocrática da Viração/PC do B. Foi quando o PT se unificou e apresentou-se como uma real alternativa ao PC do B que a vanguarda destes Encontros surgiu no horizonte de um campo de aliança e articulação importante. Desde então, a direção da UNE, sob hegemonia petista, vem tentando incorporar as áreas ao movimento oficial.

68 – As dificuldades no sucesso desta política são duas:

1ª) A incompreensão do PT acerca da democracia do movimento e o papel da unidade na luta dos estudantes. Parece que somente uma negação absoluta do "resto" das correntes seria suficiente para o ME paradisíaco;

2ª) Ao incorporar as áreas reforçou-se um corporativismo que há alguns anos vem estagnando a criatividade destes fóruns. O PT não apresentou aos "estudantes marginais" uma solução que passasse do mero discurso estruturalista de incorporação, na entidade, de seus Encontros e secretarias nacionais. Isto talvez seja necessário, mas o central é a "crise do umbigo" que diversos cursos vêm sofrendo. Esta crise só se resolverá se incorporada ao programa da UNE, unificando as lutas.

69 – Para superar a atual dinâmica desigual de cada curso onde enquanto alguns estão em fase bastante avançada de elaboração, outros estão em momentos embrionários da mesma, propomos três preocupações comuns, que constituem um programa para a organização destas áreas e a sua incorporação à luta dos estudantes:

a) Denúncia das políticas desenvolvidas pelo Estado burguês: tanto em nível da política educacional como na área profissional específica e os reflexos desta política sobre os profissionais e a população.

b) Elaboração e Alternativas ao conteúdo ideológico: também em nível da educação e do setor profissional específico, além de proporcionar espaços para a denúncia e a elaboração de alternativas à cultura burguesa como um todo.

c) Estruturas Organizacionais:

- 1) Os Encontros como fóruns de elaboração político-científica. Isto implica em critérios mínimos de delegação.
- 2) Ligação com os demais setores da comunidade universitária.
- 3) Ligação com os profissionais de cada área através dos seus sindicatos e/ou associações, elaborando lutas em comum.
- 4) Ligação com o movimento operário e popular.

70 — A integração dos Encontros por curso nas preocupações da UNE, resguardando a autonomia destes, obedece à intenção de criar um programa de universidade que tenha um desenvolvimento a partir das diversas elaborações da comunidade, que saia da pregação de princípios gerais e incorpore as experiências em andamento, dando-lhes um caráter global e determinado, no sentido da não-dispersão de suas potencialidades, além de construir, numa prática social permanente, o elo com os trabalhadores. A teoria distante desta prática é tão prática é tão estéril quanto a própria crise da universidade burguesa.

5.2 — ALFA BETA AÇÃO

*o pior dos analfabetos
é o analfabeto político*
(Brecht)
*e você, tem fome de quê?
tem sede de quê?*
(Titãs)

71 — Perguntamos numa passagem acima se o ME teve algum papel na crise da República que um dia se pretendeu "nova". Tentamos problematizar esta pergunta durante todo o texto, no sentido de não lhe dar uma única saída, ou de tratá-la de forma superficial. Queremos agora apresentar uma proposta, uma possível alternativa que está ligada a um conjunto de análises aqui apresentadas. Chamamos este projeto de ALFA BETA AÇÃO por acreditarmos que este nome expressa muitas das características essenciais para esta situação de dúvidas e decisões da história do Brasil. É momento de buscar respostas, e fazer com que os acontecimentos nos tirem a nostálgica pureza da ignorância política em que vivemos. É hora de saber o que se quer! Em momentos como este, as nossas fomes são muitas, nossas sedes exigem licores de muitas amêndoas. É um tempo para a AÇÃO, mas uma AÇÃO inteligente!

72 — Vivemos em meio a uma crise de regime. Nesta crise nacional ainda não houve derrotas globais do movimento operário. A CUT se credencia como a central hegemônica do movimento sindical e o PT assume, cada vez mais, um debate estratégico, um perfil revolucionário. As tensões que estão em jogo na sociedade, Reforma ou Revolução, têm balanceado o PT, mas este soube até agora responder positivamente. Seu crescimento e amadurecimento fazem dele uma alternativa cada vez mais real de governo. Nunca na história do Brasil a luta pela

CONT.